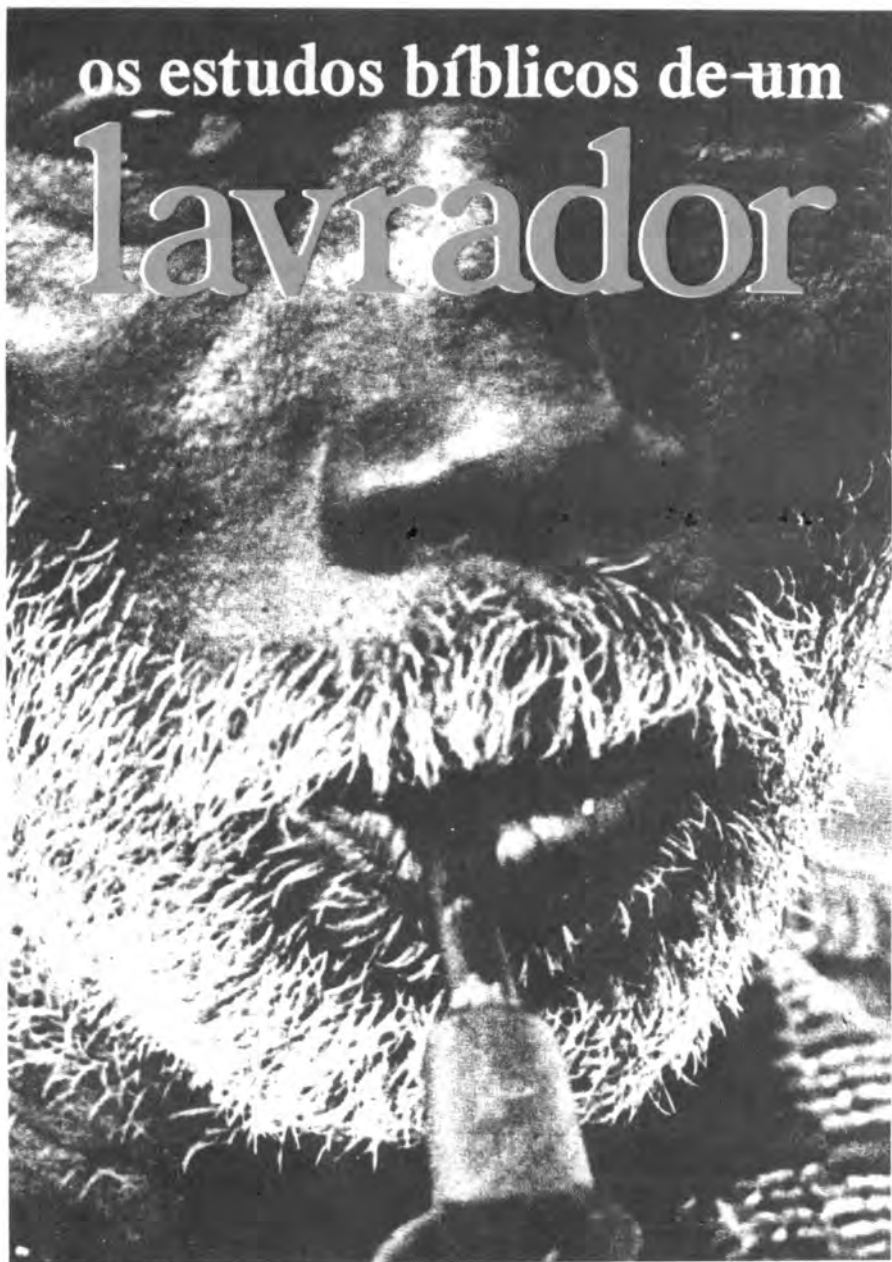


os estudos bíblicos de um

lavrador



tempo
e presença

25



Editorial	1
Introdução	3
O Mutirão	6
A Terra Boa e a Terra Ruim	12
A Boa Nova – I	17
A Boa Nova – II	23
A Peneira	27
O Machado	33
A Árvore Boa e a Árvore Má	38
A Comunidade Cristã	43
O Emprego Honesto	49
O Julgamento	55
A Libertação	61

CEI – SUPLEMENTO Nº 25 – AGOSTO – 79

Diretor-responsável: Domicio P. de Matos
Redator: Carlos A.C. da Cunha
Conselho Redatorial: Carlos R. Brandão,
 Elter D. Maciel, Jether P. Ramalho, José
 Sotero Caio, Marlene R. Campante,
 Rubem A. Alves.
Programação Visual: Claudius Ceccon
Arte: Sérgio Reis

Distribuído aos assinantes do CEI.
Assinatura anual: Cr\$ 180,00 - Avulso:
 Cr\$ 20,00 - Cheque pagável em nome de
Tempo e Presença Editora Ltda.
 - Caixa Postal 16.082
 22.221 - Rio de Janeiro - RJ.
*Registrado de acordo com a Lei de
 Imprensa.*

Homens do campo – esquecidos e esmigalhados homens do campo – estiveram juntos, trouxeram suas marcas sofridas, seu cansaço, o sem-futuro deles, e começaram a ler o Evangelho. Era talvez a última esperança numa indagação silenciosa e sofrida: “Será que o Deus de Jesus ainda se lembra de nós, se preocupa com a gente?” E a Palavra se fez carne na carne deles. Foram soltando a língua só acostumada a dizer “sim, sinhô doutô”.

De repente, lá estava a terra boa e má, o machado, a peneira. Os instrumentos de seu dia-a-dia se fizeram instrumentos-símbolo de sua libertação.

E saíram estes onze estudos feitos com a dor e o suor de seus sofridos dias.

Uma luz imensa se fez clara que nem sol. . . e creram no Evangelho.

Pensando bem, Jesus certa feita falou: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Bem-aventurados os olhos que vêem as coisas que vós vedes.” (Lc 10.21,23).

As páginas desta Revista têm a simplicidade e a espontaneidade do falar do povo. Pouco ou quase nada se fez para retocar o texto, exceto naquilo que pudesse dificultar o leitor que

não está integrado com o campo. É bastante autêntico e é com a voz de um lavrador que resume o que outros foram soltando na conversa.

Iniciamos com este número 25 uma nova fase, já apresentada no Boletim. Pretendemos ampliar nosso serviço de Publicações e suplementar os Documentos que o Boletim divulga.

A apresentação gráfica, a nova fisionomia desta Revista, do Boletim e de outras publicações deve-se à arte de Claudius Ceccon.

Bem. Comece a ler e duvido que possa parar. É lindo!

A nossa vida, todo mundo sabe, é uma vida bem humilde. A maior parte de nós tem a enxada como companheira. Outros são pedreiros, ajudantes de pedreiros, faxineiros, lavadeiras. Ou gente criada para amansar boi brabo, tirar leite, fazer cerca de arame, roçar pasto, destocar. Ou qualquer outro serviço pesado.

Ninguém dá valor à gente, nem nós mesmos. Não tivemos escola, não temos leitura. Gente de idéia fraca. Nem se eu quisesse, minha pronúncia não dava para falar de tudo o que se passa no campo com as pessoas que labutam. Nem para desenvolver o esquecimento e o sofrimento nosso. Mas bem que fosse interessante. De outra vez, quem sabe?

Minha intenção é dizer agora que um dia começamos a fazer reuniões. E a ler nelas o Evangelho. Não era a primeira vez que a gente via esse livro. Alguns já tinham soletrado. Todos ou quase já conheciam, de ouvido, algumas passagens dele. Mas eu digo que desta vez foi diferente: a gente mesmo forcejou para entender o sentido. Trocando idéias uns com os outros, fomos descobrindo as Boas Novas que lá estão.

No começo, acanhamento, sei lá, medo de dizer asneiras, convencidos da nossa ignorância. Depois era coisa fora da nossa rotina. Porque antes só os padres tinham autoridade de explicar essas coisas. Pessoas de estudo, sábios na religião, tinham nascido com esta sina. Sempre foi assim. Agora, uns padres mais afoitos davam outro conselho e até exemplo: escutavam a leitura, como

A vida diária do trabalhador não passa de uma história que a gente vai vivendo. Dentro dela, acontece tudo aquilo que está escrito nas palavras da vida de Jesus.

qualquer outro, ficavam calados, querendo ouvir a opinião de cada um. Se alguma pergunta era feita a ele, chutava para ser respondida pelo pessoal mesmo da reunião. Quando a coisa engasgava, ele mesmo cutucava com perguntas ou com brincadeiras, dando palpite de dividir o pessoal em grupinhos, criar debate, para todo mundo entrar no banho da discussão. Até que conseguimos organizar um grupinho firme que se encontrava programado. E aprendemos a puxar o assunto e as leituras do Evangelho, mesmo sem o padre.

Dentro do Evangelho, nós descobrimos Jesus Cristo.

Ele é um carpinteiro. Uma pessoa de condição humilde e companheiro dos humildes. Ficamos impressionados com a história dele. Mais impressionados por ser uma história comum. E com a clareza das suas idéias. E com a decisão decidida de nunca entortar caminho quando alguma coisa queria conseguir. Nunca a gente nem tinha pensado que Jesus Cristo fosse um homem assim. Antes, para nós, não passava de Deus, lá longe, apontado na distância pela palavra dos padres. Ou então a gente se ajoelhava perante ele, invisível, para rezar, pedir, com grande medo e respeito, no descompreendimento.

Jesus Cristo foi, para nós, mais do que uma visão. A gente se assustou, encontrando esse Filho do Deus do Céu que escolhe, por escolha, a nossa situação de humildes trabalhadores para trazer a esperança, como um de nós.

Daí para frente, decidimos sair no rastro dele e pensar melhor nas suas palavras. Foi como um achado. A gente se inculcou que Jesus não estava assim tão longe de nós. O que ele diz está tudo dentro da realidade nossa. A vida diária do trabalhador não passa de uma história que a gente vai vivendo. Dentro dela, acontece tudo aquilo que está escrito nas palavras da vida de Jesus. As palavras dele podem cair direto no nosso ouvido de hoje. E só a gente ler ou escutar uma ou duas vezes, pensar na realidade da vida e encaixar nela o Evangelho: todo mundo compreende, fácil, que o Evangelho está aí, no meio do nosso caminho. Desta hora em diante, tudo vira descoberta. Nós vemos um mundo novo que os olhos antes não enxergavam e vivemos uma vida nova.

Esta vida nova é de liberdade. A gente começa a ter valor e se dá valor porque Jesus Cristo foi igual a nós. E dá importância à união entre a gente. Acha importante formar comunidade e acha que isto é uma Boa Nova que encontramos.

Mudou muita coisa em nossa vida, depois de conhecer tudo isto. Viramos outras pessoas. Nossa queixa é que só depois de dois mil anos é que nós do povo chegamos neste conhecimento assim de Jesus Cristo. Por que é que a Igreja, os padres e a sociedade explicaram a religião de tão outra maneira? Nós perguntamos isto. Ainda não adquirimos a resposta certa, mais completa. Mas um pouquinho já deu para entender. O certo é que Jesus Cristo quis nos unir em comunidades e nos tocou numa caminhada tão grande que a gente vê o começo e não consegue ainda atinar com o fim. Falta muito o que saber da nossa vida, da realidade de hoje e das Boas Novas de Cristo. Por isso é que, com humildade e decisão e coragem, queremos continuar, já pensando nos companheiros que ainda não despertaram. Queremos que eles também acordem para ver estas coisas.

Diz o padre que tem muitos livros de explicar a religião. Tem a história inteira da Igreja e do mundo. E tem livros até que defendem o trabalhador. Tem livros que dizem a verdade mesmo, do jeitinho que a gente está descobrindo. Mas, diz ele, são livros grandes e complicados que só as pessoas de muita leitura podem agüentar até o fim. Quem sabe, um dia, nós vamos chegar nesse pé.

Mas na certa não tem livro desse tipo escrito por um lavrador ou um pedreiro ou um vaqueiro. Nenhum escrito por esse tipo de gente que Jesus Cristo adotou na sua amizade. Mas ele também não escreveu livro algum. . . Se vivesse hoje, que tudo é mais fácil, quem sabe? . . .

Pensando nisto é que queremos, não fazer um livro, mas contar a nossa caminhada e o papel vai levar onde a voz não chega. Se Deus nos deu o dom da palavra parece que precisamos usar. Esta pronuncia seja o nosso arrazoado. . .

Nossa queixa é que só depois de dois mil anos é que nós do povo chegamos neste conhecimento assim de Jesus Cristo. Por que é que a Igreja, os padres e a sociedade explicaram a religião de tão outra maneira?

Jesus contou uma comparação: "O Reino dos Céus é que nem um homem que tinha semeado semente boa, de primeira, no seu campo. Mas na hora em que os peões estavam dormindo, veio o inimigo, semeou joio no meio do trigo. E sumiu. O trigo cresceu e cacheou, mas o joio apareceu também. Os peões daquele homem vieram dizer: "Patrão, não foi bom o trigo que semeamos no campo? Donde vem então o joio?" Ele respondeu: "Foi meu inimigo que fez isto." Então os peões insistiram: "Quer que a gente arranque?" O homem acalmou, dizendo: "Não. Arrancando o joio, a gente acaba prejudicando também o trigo. Deixem crescer até o momento da colheita. Aí então vou mandar aos colhedores que arranquem primeiro o joio, amarrem em feixes e depois queimem. O trigo, mando guardar no meu paiol".

Aqui nós não plantamos trigo. Plantamos arroz. Também no arrozal não dá nenhuma praga chamada joio. Dá o cairiru, a capoeiraba, o timbete. Dá outras. Mas o timbete é a pior. O timbete é duro de acabar. . .

Nós todos que plantamos roça entendemos o sentido dessa comparação de Jesus: sempre que a gente planta uma lavoura de arroz, procura plantar com o maior capricho. Semente de primeira, terra bem arada e desterrada, consultando o tempo para saber a hora certa. Agora timbete a gente não planta: ele nasce sozinho.

Quem será o dono que mandou plantar essa roça que é falada na comparação? Eu acho que o dono da terra é Deus. E a terra somos nós. Daí a lavoura de Deus é a humanidade, todas as pessoas.

A semente boa é a palavra do Evangelho. Talvez o amor, a união, a concórdia. Fazer o bem, ter amizade. Todo mundo, neste caso, recebeu essa boa semente de Deus no coração. O Evangelho também é uma palavra que está no coração de toda gente. A pessoa nem sabe que tem esta semente, às vezes nem sabe falar o que pensa. Mas se der oportunidade, o Evangelho brota do coração.

Acontece muitas vezes que a gente conversa com um companheiro que até parece que não é de nada, nunca estudou nada; é, como se diz, um caipira e logo ele sai com uma palavra bem acertada e que dá para ver que é uma verdade: é a semente boa, o Evangelho, que Deus plantou no coração daquela pessoa.

Agora o que aparece mais nem sempre é a semente boa. É o timbete. O timbete que tomou conta. Se a gente não tiver cuidado, o timbete cresce muito mais depressa que o arroz. Parece que o timbete é o contrário da boa semente. Vai ser o egoísmo, a falta de união. Aqui entre nós o timbete é demais. Está quase acabando com a plantação. O arroz está quase no ponto de morrer no meio do timbete, essa sujeira.

O fruto do arroz, a boa colheita esperada, devia ser a união, o amor entre todos, a igualdade, a justiça. Mas o danado do timbete está aí para não deixar crescer essa boa semente.

Por exemplo, é o caso do João. Ele trabalhava de arrendista e foi espancado e teve de fugir da fazenda. O patrão fez isto porque ele vendeu uma parte do arroz que era dele, com todo o direito. Ele já tinha pago o arrendo e não devia nada. Mas o patrão queria preferência no arroz do João. Queria comprar do empregado, porque queria impor um preço barato, para ter lucro maior. Daí a raiva que ficou quando o João vendeu a outro. Mandou espancar e prender. Acho que isto é timbete. É a ambição. É o pior timbete que existe. Mas existe mesmo. É uma praga muito comum: todo mundo só quer para si.

Numa fazenda, um fazendeiro, até não é muito rico nada, mas deu um tiro no agregado por causa de um carro de milho. Ele falou: "Não venda esse carro de milho". O agregado falou: "Vou vender. Já acertamos a meia. O Sr. não quer comprar mas

Eu acho que o dono da terra é Deus. E a terra somos nós. Daí a lavoura de Deus é a humanidade, todas as pessoas.

Acho esse negócio da ambição o maior timbete. É uma praga que não acaba mais. Não temos união e seria tão bom se o povo fosse unido.

eu tenho que vender porque preciso pagar o que devo por fora no hospital e no armazém”. O patrão falou: “Eu já disse que não venda, não”. No dia em que veio o comprador buscar o milho, o patrão desceu do carro, puxou do revólver e atirou na perna do agregado. O agregado gastou mais de dois mil com hospital. Agora fez causa contra o patrão. O patrão falou e anda falando para todo lado que não vai pagar nada. Diz, na gabolice, que se for preciso pode gastar até dez mil cruzeiros para não pagar. No dizer dele, vale mais gastar dez mil cruzeiros com advogado do que pagar algum direito para essa gente que não é de nada. É o timbete da ambição cruzado com o timbete do orgulho.

Não precisava disto. Mas quando o timbete toma conta, não tem jeito de fazer a pessoa entender. Todo mundo sabe que todos são iguais, que são filhos do mesmo Deus. Gente, o que é que esse homem precisava de prejudicar assim o pobre trabalhador? Ele não estava no seu direito? E o direito de patrão já não estava garantido? Se todos ficassem no seu direito, todo mundo podia ser feliz e viver na amizade.

Acho esse negócio da ambição o maior timbete. É uma praga que não acaba mais. Não temos união e seria tão bom se o povo fosse unido. A classe rica parece que cultiva o timbete. Parece que eles têm medo dos direitos dos trabalhadores. Será que perderam a fé em Deus e acham que o mundo só é deles?

Mas esse timbete que é a ambição é a ambição não é só da classe rica, não. Entre nós ele se manifestou com seus espinhos de desunião. Todos querem subir, ter mais que o outro. Se os pobres fossem unidos, já não haveria tanta exploração. Uns querem ter mais dinheiro e exploram os coitados que trabalham para eles. Outros, até pobres, querem ter mais para freqüentar farras, beber, fazer anarquia. Um prejudica o outro, tomando sua mulher. Tudo é timbete. A semente boa está abafada, se perdendo no mato.

Um dia destes, convidei um amigo para reunião do Evangelho. Sabe o que ele disse? “Eu não vou neste negócio. Isto não tem futuro nenhum. São uns coitados, comedor de feijão igual a nós, que falam bobearas”. Agora em futebol e bagunça ele não falta. Aí o timbete vai só crescendo.

O timbete prejudica muito. E os pobres são os que sofrem mais pela falta de união. O trabalhador na meia é sempre explorado. No fim da colheita, todos estão aí, feito urubu, para arrasar o produto dele, quando não tem preço. Eles sabem do aperto

que passa: não tem sacaria, deve no armazém, no hospital, tem que pagar. Aí junta todo mundo para tomar o que é dele.

Um pobre às vezes precisa de trabalho. Só sabe tocar a enxada e não tem terra. Tem gente com muita terra, mas não quer saber dele porque é fraco ou porque tem família grande. Outros acham melhor alugar a máquina porque dizem que agora, com esse negócio de sindicato, é perigoso aceitar trabalhador: ele pode ir no sindicato e trazer confusão. Porque eles sempre acusam os pobres de vagabundos e amigos da confusão.

A gente sabe que também o timbete alastra nos trabalhadores. Alguns não têm responsabilidade, são sem eira nem beira, bebem, esquecem o serviço, gente da pá virada. Mas tem trabalhador que não dá bem conta do serviço devido à situação fraca: precisa trabalhar por fora para comprar os mantimentos. Ou, como acontece muito, é a saúde ruim, a falta de recurso, falta de comida, falta de um tudo. Alguns proprietários dão a roça mal preparada ou tarde demais. Aí a lavoura não pode prestar. Tem vários deles que aprontam confusão e tocam o empregado antes de terminar a colheita. Tem casos e mais casos. Inventam um motivo de briga, usando às vezes até de mexericos de mulher ou implicâncias. O empregado é fraco, tem medo, acaba desocupando o lugar com a perda de tudo.

Gente, o timbete está demais! Dá até para desanimar. Todo mundo tinha o direito de viver na paz e na amizade, mas vem a ambição e não deixa. Precisamos de união. Precisamos desta colheita boa. Se a coisa não melhorar, vai chegar tempo em que não há mais lugar para ninguém neste mundo. Não tem nem mais jeito de viver.

Como vamos fazer?

O arroz não é como o trigo aí da comparação. A gente tem de capinar o arroz para livrar das pragas, combater o timbete. Capinando, a lavoura fica limpinha, o arroz cresce que faz gosto e dá aquele cacho bonito. . . Não pode é descuidar da capina. Qualquer desmazelo, o timbete e as outras pragas tomam conta.

Quando uma lavoura é muito grande, como parece que é a nossa aqui da comparação, a gente faz um mutirão. O mutirão é uma união para trabalhar mais unidos. Unidos, o trabalho rende mais e tem mais coragem e alegria. É isso mesmo. Precisa fazer um grande mutirão para tirar o timbete e limpar a roça.

Um pobre às vezes precisa de trabalho. Só sabe tocar a enxada e não tem terra. Tem gente com muita terra, mas não quer saber dele porque é fraco ou porque tem família grande.

Mas tem de ir devagar. Muita gente é do contra. Ficam criticando, sem entender. Não pode sair chamando a torto e a direito. Poderiam estragar o mutirão.

Na trilha da comparação, o mutirão já é uma união. Faz a união que já é a semente boa e a colheita que nós esperamos. Esta reunião nossa, para trocar idéias sobre o Evangelho, já é um mutirão desse tipo. A gente vê agora que o Evangelho está mesmo na realidade. O timbete é uma realidade nossa que cresce aí em toda parte e em nós também, estragando a união do povo. A semente boa é também uma realidade. Nós podemos descobrir dentro de nós e querendo apontar por aí. Esta reunião nossa, para mim, está sendo um mutirão, uma capina. Eu antes não entendia nada de Evangelho, e nem sabia. Agora parece que começo a entender. Criei até mais coragem de falar. A gente se sente mais a gosto numa união destas. É. A união vai ser o nosso mutirão de Evangelho. Aqui tem confiança com todo mundo. Assim, a gente arranca o timbete. Precisava de muitos companheiros neste nosso mutirão. Muitos não sabem o que é isto. Não entendem. Não tiveram oportunidade. Precisava chamar para trabalhar conosco.

Mas tem de ir devagar. Muita gente é do contra. Ficam criticando, sem entender. Não pode sair chamando a torto e a direito. Poderiam estragar o mutirão. É como o trabalhador que vai no mutirão só para fazer anarquia. Às vezes vai com má intenção. Vai armado, vai com mente de bagunça e a festa do mutirão pode dar em briga e crime.

Tenho a impressão que nós começamos este mutirão. E aqui a gente já vê os frutos. Tem mais união, mais confiança. Mas fora, com aqueles que fogem do mutirão, o timbete zanga. Talvez não vamos ver os frutos maduros, o resultado completo do nosso trabalho. Pode ser que o resultado seja para nossos netos. Até acabar o timbete da ambição, da injustiça, desta exploração, desta falta de direitos, leva muito tempo. Não tenho esperança de ver isto logo. Mas a esperança está esperando lá na frente. Sei. Daí a satisfação de trabalhar no mutirão. Pensando bem, o resultado vem logo. Já está vindo. A união total nós não vamos alcançar, esta não. Mas veja eu: depois que descobri o que é timbete e o que é semente boa, nunca mais vou viver em paz com o timbete. Depois que uma pessoa enxerga, parece que não é mais a mesma pessoa. Eu me sinto diferente. Acabou-se a paz com o timbete.

Tem uma coisa: para que esse mutirão possa ir em frente, é preciso um compromisso firme entre a gente. Compromisso de continuar o mutirão do Evangelho. Procurar descobrir sempre a semente boa e o timbete esparramados por aí. Capinar, diário, o

timbete e deixar o arroz desenvolver. Capinar o timbete nos companheiros, ajudando a enxergar para entrar em mutirão. Limpar toda a roça é tarefa que precisa de todo o mundo.

Bom. Esta semente tem que ser espalhada em outras roças. Se a gente não plantar a terra, pode ser da melhor qualidade, mas não dá. A semente pode ser de primeira, mas se não semear, não dá. E tem sempre de fazer mutirão para capinar, senão não dá. Tem lugares que só precisam de uma capina. Outros precisam de mais. O timbete é muito e teimoso. Tem até lugar de sarobá, de cerrado e aí precisa desmatar. É muito importante o nosso mutirão. Isto devia ter começado já de muito tempo. Por que só começou agora? Afinal, antes tarde do que nunca. Vamos dar um duro para limpar nossa lavoura e só deixar a Boa Semente. Tem de crescer e dar fruto. Cedo ou tarde, vem a colheita. O mundo vai ser, como se falou na comparação, um Reino de Deus. Todo mundo unido no amor, na justiça. Todo mundo igual sem desigualdade, sem exploração, sem ambição. -

Disse Jesus: "Um semeador saiu que semeava. No semear, uma parte da semente foi cair na beira do caminho e os passarinhos vieram e comeram. Outra parte caiu numa terra pedrenta que pouco tinha de terra mesmo. Nasceu logo, porque a terra estava rasa, mas foi o sol bater e a planta secou, pois não se enraizou. Outras sementes foram parar no meio do espinheiro; os espinhos cresceram e sufocaram. Outras enfim, foram dar em terra boa: deram fruto na base de cem por um, sessenta por um, ou trinta por um. Quem tiver ouvidos para ouvir, ouça bem!"

Nós já enxergamos que a humanidade é uma roça e Deus é o seu dono. A semente é a palavra dele ou o Evangelho, não só o escrito num livro, mas o que está no coração de todo mundo. Até já temos um compromisso de fazer um mutirão, que é a nossa união no nosso grupo de Evangelho, pra limpar a roça e arrancar o timbete que abafa a planta e não deixa cachear.

Agora aqui parece que Jesus fala sobre o jeito de plantar a semente e sobre o terreno. Quando a gente vai plantar arroz, não vai plantar em um lugar qualquer. Primeiro escolhe a terra. Não pode desperdiçar a semente. Ela é muito preciosa.

Por aí a gente sabe que tem umas manchas de terra de primeira, terra de cultura. Depois tem nesgas de cultura de segunda. E depois tem o cerrado. Cada tipo de terra tem um jeito de tratar e de plantar. Em terra pedrenta a gente não planta; ela não tem força, não alimenta a planta e aí o arroz não chega a

dar o cacho. No mato ou no meio dos espinhos também a gente não planta. Se a gente quiser plantar, primeiro tem que derrubar o mato, queimar a saroba, depois arar e desterroar a terra. No cerrado vai ser a mesma coisa: queima, ara e desterroa. E precisa adubar também porque a terra é fraca. A pior terra acaba sendo aquela da beira da estrada conforme a comparação. Aí não adianta plantar. Pode até ser boa de qualidade, mas está exposta demais. Parece com as pessoas de muita ambição, que só pensam em si: seus desejos e planos mudam, passam e repassam. Estão transitando nos seus interesses egoístas e desfazem do Evangelho. Falam que isto é bobeira, que não adianta. Uns nem se conformam que seus empregados façam reunião na fazenda ou freqüentem fora. Acusam que é reunião de comunismo, pra criar a ilusão da igualdade e combater os patrões.

Esta é a mente deles. Já não respeitam nem os padres, que xingam de comunistas. A coisa que mais acham ruim é a gente falar em igualdade e justiça. Dizem que a religião foi feita pra gente rezar e pedir a Deus, não pra falar de igualdade.

Outro dia, um fazendeiro disse que a Igreja agora vai acabar porque começou a juntar esses bobos por aí e a falar de igualdade. Igualdade, dizia, nunca existiu nem vai nunca existir. Cada um nasce com um destino. Um outro falou: Tem muito perigo em falar de direitos do trabalhador, porque é o mesmo que dar asas pra cobra.

Essas pessoas, fico aqui pensando, são como a pedra ou como a terra exposta da beira do caminho. Ou terra encascalhada. Aí não adianta plantar. Pode ter deles que comecem a entender e até dar algum fruto amanhã. Isto reconheço. Mas têm que mudar o tipo. Não podem continuar cegos ao irmão, só pensando em si.

Os ricos, os fazendeirões são os mais duros. É como está lá no Evangelho: "Muito difícil um rico entrar no Reino do Céu. Mais fácil é um camelo se enfiar pelo fundo de uma agulha".

A maioria deles até se gabam de ser católicos. Mas não aceitam o Evangelho. Faz pouco, um fazendeiro arruinou a família de um empregado. Era um rapaz que tocava na meia pra ele. A mulher do rapaz adoeceu. Ele estava sem recurso e arrojado com o serviço da capina. Foi pedir um dinheiro adiantado ao patrão. O patrão respondeu que não tinha. Nem carona deu pra levar a mulher no hospital: disse que o carro dele não era pra carregar gente à-toa. Aí saiu uma briga e o rapaz acabou arrumando as trouxas, perdendo tudo. Está hoje aí, sem nada, num barraco lá

Parece com as pessoas de muita ambição, que só pensam em si: seus desejos e planos mudam, passam e repassam. Estão transitando nos seus interesses egoístas e desfazem do Evangelho.

Em geral, a classe pobre está mais disposta porque sofre mais. O coração não é tão de pedra. O rico tem de um tudo, o pobre vive boiando no nada, em cima da miséria.

na vila. Fiquei sabendo que o rapaz descroçoou, largou a mulher com filhos e sumiu. Viu que não tinha jeito de tratar dela e, abandonando à caridade alheia, talvez compadecesse os outros. Mas a história não interrompe aí: o patrão, uma semana da festa da Trindade, foi buscar um funcionário pra registrar uma novilha que deu de oferta à igreja. Isto é religião?

Nesse tipo de terra, não pega nada mesmo de Evangelho. Está empedrado. Entre eles tem de ter gente diferente. Em algum rico pode sobrar um resto de coração. Não é o comum mas não se pode desesperar de todos.

Agora não vai ser mole. Precisa tirar a pedra, arar. . . Jogar semente do jeito que está é pura perda de tempo. Meu modo de ver é que não falta terra boa por aí, já desimpedida e devemos dar preferência. Se eles mudarem, aí a conversa já é outra porque não vai faltar muita oportunidade. Por bem dizer, essa oportunidade nunca faltou a eles. Eles é que não deram oportunidade à semente. . .

E nós? Seremos terra boa de tudo? Entre nós, pobres, também não falta pedra nem espinho nem trânsito e pisoteio. Não falta. A ambição está aí, o julgar mal dos outros, o ódio, a revolta sem sentido. E não podemos jogar a semente boa de qualquer jeito. Enquanto as pessoas não quiserem se unir, não adianta discutir, não adianta esparrodar a semente.

Em geral, a classe pobre está mais disposta porque sofre mais. O coração não é tão de pedra. O rico tem de um tudo, o pobre vive boiando no nada, em cima da miséria. Por isso ele precisa mais de união e compreende mais o aperto do companheiro. Mas entre os pobres também tem muita ignorância. Eu penso que os espinhos lá crescem: a ignorância, a vontade de enricar, a desconpreensão. A anarquia, a bebedeira, os maus ambientes. A pessoa fica enquiçada nestas coisas e vive igual a bicho. Uma terra assim tem de ser preparada pra receber a semente. O principal do preparo é a união.

Não é fácil entender como isto se dá. Eu, uns tempos atrás, andava com tudo que é má companhia. Posso dizer que não tinha onde cair morto, mas tinha ambição. Depois que comecei a entrar e a ter compromisso com o mutirão do Evangelho, vou ficando diferente. Agora parece que sinto que sou gente e não posso mais fazer certas coisas. Posso até estar pecando com esta pronúncia. Mas confio em Deus que daqui pra frente só vou crescendo e me parece que não vou ter mais vontade de voltar pra trás.

O trabalho que a gente está fazendo é uma realidade. É o Evangelho dentro da realidade. A gente planta a boa semente em nós. Mas precisa tirar ainda muito espinho e muita pedra.

Gente, nós queremos ser uma terra boa. Por isso é que estamos unidos. Mas precisa forcejar ainda na união. Às vezes, um companheiro nosso, aqui, não sabe tratar a mulher ou os filhos. Às vezes não tem amor para o outro, tem alguma traição ou covardia pronta contra o irmão. Só aos poucos ele vai atinar com o seu erro, vai corrigir. A comparação do Evangelho é uma carapuça que cada um pode enterrar na cabeça. Todo mundo.

Eu fico imaginando por que é que nós somos um grupo que começou a estudar o Evangelho e a enxergar a realidade e ainda não somos dignos do Evangelho porque mal estamos começando. Agora, quanta gente, igual a nós, vive aí de qualquer maneira sem nada enxergar? A roça é muito grande, precisa trabalhar muito pra preparar toda essa terra.

Parece que aqui fizemos um pouco de confusão. Será que é a gente que planta a semente ou não será Deus? Claro que é Deus e ele já plantou a semente em todo o mundo. Ele sempre planta. Mas talvez queira se servir de nós neste plantio. E pra arrumar a terra, desmatar, destocar, arar e tudo. E até adubar. O mutirão é pra tudo isto e ainda pra capinar a lavoura que já está plantada.

Acho que está certo. O nosso grupo, além de tudo, deve servir de sementeira para que a boa semente aumente e esparrame. Precisava organizar um pouco este trabalho, vocês não acham? Saiu muita idéia boa, muita semente boa brotou. O que fazer agora?

Precisa ajudar o pobre a enxergar o que ele é e descobrir a semente boa que está nele.

Primeiro, vamos deixar de lado, por enquanto, a terra de cascalho que é pura pedra e não dá quase resultado. A gente só corre o risco de levar marretada e traição. Depois perde o trabalho. Vai se ferir sem resultado.

Agora, na terra de cultura e de cerrado, que é a nossa classe de trabalhadores, precisamos preparar a terra, adubar se preciso, e espalhar a semente. Cedo ela vai apontar e, depois de uma boa limpa, desenvolve. É um trabalho que nem é muito difícil nem é muito fácil. Enquanto a pessoa está no escuro e nem se considera nem sabe se dar valor nem quer saber da semente, não tem jeito. Precisa ajudar o pobre a enxergar o que ele é e descobrir a semente boa que está nela. Como aconteceu a nós. Depois de enxergar, a gente criou mais coragem, mais confiança e já queremos que o nosso mutirão continue cada vez mais depressa e com mais gente.

Tem terra que é melhor e terra que é pior. Não se pode esperar de todas a mesma produção. Tem mais ainda, que essa terra ficou abandonada muito tempo, os espinhos cresceram. Pela amizade, a gente aproveita de qualquer bate-papo e ajuda o irmão a conhecer os espinhos e arrancar, a reconhecer a semente boa e favorecer.

Um espinho muito ingrato é a tradição. A pessoa se acostumou daqueles modos, ficou estradeira naquele caminho e só acha certa aquela direção. Toda a vida foi o que lhe ensinaram. Tudo que é diferente já vai acusando de extravio.

A maioria não dá valor às pessoas, principalmente num grupinho feito o nosso que é só de gente humilde. Eles clamam: "Isso é uma turma de ignorantes, igual que nós. Só sabem ignorância." Acham que explicação que vale é só a do padre ou da freira.

No trabalho, precisa ser jeitoso. O povo acha que religião é só missa e batizado, e casamento, e novena, ou terço. A vida não tem nada que ver. Cada um vive sua rotina. A religião não mexe com a vida. Injustiça e exploração é coisa fora da religião. Veja quantos comentários desconformes podem transitar nas cucas.

A terra boa é esta união de todos que precisamos preparar. Uma união em que todos possam crescer juntos, repartindo o peso, se protegendo contra a ventania na confiança de uns nos outros. O pobre tem de entender o valor que tem, valor tamanho que Jesus Cristo quis ser um deles. O pobre tem de descobrir que é gente e se unindo pode trazer melhoras para todos.

Nós batemos este papo e foi bom. Cada vez a gente enxerga melhor o caminho por onde tem de seguir. Agora então vamos fazer uma oração pra pedir a Deus que ajude a cuidar da terra, zelar da plantação e, aos poucos, lavar toda essa terra que é o mundo todo, limpando da sujeira que está grande. É tarefa muita.

Jesus foi a Nazaré, terra em que tinha vivido e crescido. Entrou na sinagoga, como de costume, no sábado e se levantou pra ler. Entregaram a ele o rolo do livro do Profeta Isaías. Ele desenrolou até o trecho onde estava escrito o seguinte: "O Espírito do Senhor está em mim. Por isto ele me consagrou. E me mandou pra anunciar a Boa Nova aos pobres. Levar aos prisioneiros a notícia de sua libertação. Aos cegos que eles vão recobrar a visão. Aos oprimidos que eles vão gozar de liberdade. Publicar um ano de graça do Senhor. — Neste ponto, entregou o livro ao encarregado e se sentou. Todos os que estavam na sinagoga estavam com os olhos em cima dele. Ele levantou a voz e disse: Hoje, esta palavra que vocês acabaram de ouvir teve o seu cumprimento".

Antes de mais, eu gostaria de entender esta Boa Nova. O que vem ela a ser? Boa Nova só pode ser uma notícia das melhores. Vamos pensar um pouco o que pode ser essa notícia que Jesus trouxe para nós. Qual será?

É fácil matar esta pergunta: só pode ser o Evangelho. Mas será que este Evangelho pode ser assim uma notícia, uma novidade? Não é de hoje que ele existe e é pregado. Faz coisa de dois mil anos. Podemos dizer que só hoje é que estamos ouvindo o Evangelho pela primeira vez como uma novidade?

Para mim, acaba sendo. Eu vivia enterrado no mato e na ignorância. Ia na Missa mas nada entendia. Só hoje principio a entender um pouco. Nem hoje ainda não sei ler nem explicar. Só

Eu vivia enterrado no mato e na ignorância. Ia na Missa mas nada entendia.

Tem pessoas que usam o Evangelho pra uma bebedeira. Usam o seu sumo, os seus ditos pra fugir da realidade, não ver a injustiça nem a prática contrária da sociedade.

posso escutar e assuntar. Mas já assunto, não fico totalmente fora do assunto. Comparando essa Boa Nova com aquela semente que já vimos nas outras reuniões, é capaz de dar no mesmo. A Boa Nova pode ser o mesmo que a semente boa.

Aí está certo. Cristo veio plantar a boa semente. Veio trazer a Boa Nova. Uma coisa casa com a outra. Mas como pode a boa semente ser novidade se há tanto tempo foi plantada? Bem pensado, é. Ela caiu no mato ou na beira dos caminhos. Ficou por aí escondida, sem a gente enxergar. Agora estamos descobrindo e a novidade está nessa descoberta.

No meu modo de pensar, esta semente é uma novidade ótima. Ela nos trouxe a união. Unidos, começamos a enxergar melhor a realidade da vida. Interessante, mas interessante mesmo, é ter gente que não vê a vida que tá no livro. Podem folhear o livro do jeito que quiserem, achar nele o que quiserem. Mas só sabem usar dentro da tradição. Dominam o Evangelho de livro, mas parecem muito rudes quando se trata do Evangelho da vida, a boa semente. Aí deixam o timbete crescer solto.

Eu mesmo, na minha seqüência das práticas da Igreja, cheguei a gravar na mente muitas partes do Evangelho. Novidade nenhuma não enxergava. Minha fé parava na intenção e na boca, no trilho só da tradição.

O Evangelho é que nem a cana. Dela se tira o açúcar e a cachaça. O açúcar faz bem à saúde e dá gosto no alimento. Mas a cachaça embebida, cria o vício da embriaguez, faz a pessoa sair do seu juízo e desconhecer a realidade. Tem pessoas que usam o Evangelho pra uma bebedeira. Usam o seu sumo, os seus ditos pra fugir da realidade, não ver a injustiça nem a prática contrária da sociedade. Desfazem da união dos fracos e apóiam os mais fortes no seu egoísmo. Não enxergam a vida. Ficam como gente embriagada que até dizem coisas verdadeiras mas sem aquele sentido real. Com a pessoa que teima em ficar somente com o livro e se tranca nele pode acontecer até que chegue a enfraquecer na idéia. Aí o Evangelho deixa de ser uma boa nova, fica velho e antigo, como semente mofada, porque não foi plantado dentro da vida da pessoa. Pensando bem, aquilo nem Evangelho é porque fica só na conversa. O Evangelho é mais antes aquela semente que está escondida lá dentro do coração de todos.

Os nossos cuidados devem ser com a terra, não tanto com a semente. Se a gente esforça para preparar bem a terra e capinar

a tempo, a semente cresce sozinha. Não adianta olhar diário a semente nem mexer diário com ela, se a terra não esta boa, falta adubo, ou tem aquele lençol de timbete.

Noutra comparação, se pode pensar no sol, numa lua forte. Faltando luz, tudo entra na escuridão e a gente não sabe mais onde pisa. Mas se tem um luzeiro bem forte e a gente ficar fitando somente, dá o escuro nos olhos encandeia e não se enxerga mais nada. A luz não é feita pra gente pregar os olhos nela mas pra clarear o lugar onde a gente está. O Evangelho é uma forte luz. Na claridade dele podemos olhar a vida; aí ele nos faz enxergar. Mas, se fitarmos só o Evangelho, podemos ficar encandeados.

Agora o mensageiro dessa Boa Nova. Foi Jesus Cristo. Diz que ele veio expresso anunciar aos pobres. Então os pobres são a terra que Jesus escolheu pra plantar a semente boa. Os pobres são a terra de cultura.

Pobre será o pobre de espírito ou o pobre financeiro? Pobre de espírito eu acho que não pode ser, porque são os bobos que têm pobreza de espírito. Então por que é que sempre se diz: "Não é pobreza de dinheiro não"? Até os padres pelejavam pra explicar de outro jeito, dizendo que "não é pobreza material, porque Jesus não se importa que a pessoa tenha dinheiro ou não. O que ele quer é pobreza espiritual, desapego das coisas".

Parece que aí está uma boa desculpa para deixar os ricos tranqüilos. Até tem gente que prova que pobres são os ricos, coitadinhos, sujeitos a mais tentações. . . Mas no Evangelho está bem clara a palavra pobres e todo mundo sabe quem são os pobres. Então é a terra boa para plantar a semente da Boa Nova. Se acho que esse negócio de rico com espírito de pobre é bobeira, já duvido se não existe muito pobre com espírito de rico. Neste caso, é terra suja. Boa em si, mas empestada de timbete.

Na minha opinião, a terra boa são os pobres de dinheiro.

Agora não é só dinheiro: falta de um tudo para o pobre. Não tem dinheiro, não tem saúde, não tem liberdade, não tem estudo, não tem animação. . . até os filhos são franzinos. Esta coisa é difícil de engolir, mas está claro: o Reino de Deus é dos pobres. A Boa Nova é pros pobres. São os pobres a terra apropriada pra receber a boa semente. Somos nós. É o nosso povo, este povo que não tem casa, não acha trabalho, não sabe ler, é humilhado em todo lugar até na igreja. Este povo que não tem gosto de viver.

Agora não é só dinheiro: falta de um tudo para o pobre. Não tem dinheiro, não tem saúde, não tem liberdade, não tem estudo, não tem animação. . . até os filhos são franzinos.

Os que têm dinheiro também podem ser visitados pela pobreza, como na hora de um grande sofrimento, uma doença incurável, um transtorno. Mas no normal, de nada precisam, desconhecem o irmão e, por causa de um negócio, fecham os olhos a um amigo. A riqueza verdadeira não é a do dinheiro. É ter a graça de Deus, receber a Boa Nova. É a riqueza nossa, a grande herança do Reino, por menos que a gente tenha valor neste mundo.

Afinal, diante de Deus, toda pessoa é pobre. Quando Cristo fala que veio trazer uma Boa Nova pros pobres, eu acho o seguinte: ele procura aquelas pessoas que não têm valor neste mundo. Aí começa a clarear. Tem muita gente por aí que nunca teve valor. Não tem seu lugar neste mundo. O lavrador, por exemplo. Trabalha de sol a sol, de lua a lua e mal ganha para comer, enquanto o patrão compra camionete nova todos os anos. A lavadeira passa muito pior: estraga a saúde e ganha uma miséria. Minha filha tem vergonha, na escola, de falar que é filha de uma lavadeira. Mas dá pra entender por que Jesus fala que veio para os pobres. Ele pertenceu a essa classe de pessoas. Só podia escolher os pobres para receber a Boa Nova. Eles são a terra boa: estão precisados dessa semente e são disponíveis para receber.

O que ainda não vejo claro é este negócio de ricos. Em comparação com os pobres, eles são muito poucos. Este mundo está mesmo é infestado de pobres.

Tem um problema aí. Nem os pobres estão livres do timbete da ambição. Muitos pensam com a cabeça dos ricos: só pensam em dinheiro, fazem gambiragem e procuram derrubar os outros pra subir. Não têm capacidade de pensar num mundo diferente. Pra eles, patrão é como Deus: sempre tem de existir e sempre tem de mandar e só ele e a classe dele têm valor. Timbete é assim. Tem um ar de ser dono da terra e cacheia espinho em vez de fruto. Muito pobre se sente tão imprensado que sonha virar prensa. Pobre não tem direito de pensar, de falar. Tem sempre de escutar e dizer sim. O pobre é o oprimido.

Tenho muita curiosidade de saber a raiz dessa coisa. Estou de acordo com a palavra do Evangelho que os pobres são os escolhidos para receber a Boa Nova. Para mim, a Boa Nova já está nesta reunião nossa aqui. Já começamos a pensar e a falar, sem dizer amém a tudo. Aos poucos a gente vai firmar a idéia e não vai mais repetir o erro da ambição e do amor ao dinheiro.

O que ainda não vejo claro é este negócio de ricos. Em comparação com os pobres, eles são muito poucos. Este mundo está mesmo é infestado de pobres. Pelo que se vê, os ricos não aceitam fácil a Boa Nova porque colocaram o dinheiro no lugar de Deus e vivem na ilusão que seu dinheiro pode comprar tudo, até

a Igreja e as coisas de Deus. Os tubarões pensam que podem mandar em tudo. Na política, na justiça, nos empregos, nos preços, na vida dos outros. A Boa Nova custa a entrar na cabeça do rico porque a idéia dele já está ocupada com outras coisas. Valor ele só dá naquilo que tem ou naquilo que quer adquirir. A Boa Nova ele não pode botar no bolso, por isso não interessa.

O que me impressiona é que Jesus Cristo se deu o trabalho de vir até aqui, no mundo, dar o recado da Boa Nova e muita gente acha que é perder tempo escutar. Ou só escutam pela metade e se enfaram. Mas o dizer dele é positivo: veio trazer a Boa Nova aos pobres. Os pobres são os que têm tempo e disposição de receber. Os que não importam com isto ou são ricos de bolso ou de mentalidade. Mas é aí que aparece um outro problema. Esses ricos que estamos falando, quando querem receber, é com a condição de nada mudar. Vão na Igreja, pedem ou exigem os sacramentos, usam as palavras do Evangelho, contanto que não se toque na vida. Querem exhibir que são cristãos, dizem que têm fé e ajudam a Igreja, mas ninguém bula na sua rotina de egoísmo nem nos seus lucros. A gente lembra aqueles lobos com pele de ovelha. Parecem cordeiros, mas por dentro é que é. . .

Nem todos são assim. Muitos são apenas descompreendidos. Acostumaram a pensar que é só batizar os filhos, freqüentar alguma coisa na Igreja e. . . pronto. Os próprios padres ensinaram isso. . . Não, não ensinaram assim aberto, mas fizeram. Nunca separaram a semente boa do timbete. A Igreja recebia todo mundo, como um curral de porteira aberta. Sem saber se aquela pessoa tinha um compromisso com a Boa Nova.

Os ricos, de que falo, são uns egoístas: procuram a Igreja só pra resolver seus problemas, como num cartório. Procuram o padre, por exemplo, pra celebrar um sacramento, um casamento, mas pouco importa se o casamento tem preparo ou não, se vai valer ou não. Pode ser a maior mentira, mas o que interessa é que apareça casado na igreja, com festa e enfeite.

Sei de um rapaz, já casado na igreja e ausente, que queria casar com outra. O padre soube e não aceitou. Ele foi em outra paróquia, enrolou o vigário com mentira e o casamento saiu do jeito que queria. Teve de gastar pra isto. Quando o padre soube, denunciou num sermão brabo, mas ele gozava na cara, se gabando: "Eu precisava casar na igreja para os pais dela consentirem". Os pais sabiam da situação, mas queriam dar uma satisfa-

Os ricos, de que falo, são uns egoístas: procuram a Igreja só pra resolver seus problemas, como num cartório.

ção à sociedade. Isto é que mais importa pro rico: conservar uma fachada bonita.

De todo este repertório, se pode concluir: pobre é quem não tem dinheiro nem possui recursos nem conhecimentos mas carece de tudo. Rico é a pessoa que só dá valor a si próprio e ao que tem. A Boa Notícia é pros pobres e os pobres é que são mais disponíveis de recebê-la. Para receber a Boa Nova não basta ir à Igreja e mostrar que tem religião. Primeiro, tem que mudar por dentro de si mesmo e em relação aos outros. Tem muita falsidade na religião por aí.

Todos os pobres têm direito à Boa Nova, mas nem todos estão preparados e dispostos. Aí é como na comparação da semente: antes de plantar, é preciso roçar direito.

Nenhum rico tem direito de receber a Boa Nova a não ser que se torne pobre. Não adianta o rico comprar os sacramentos e a própria Igreja para se disfarçar de cristão. Ele não tolera a Boa Nova. Se diz que aceita o Evangelho, é pra torcer e mudar o sentido.

Esta palavra de Jesus tem muita coisa pra investigar. Na outra reunião nós procuramos ver o que é a Boa Nova e quem são os pobres. Mas o resto? Ficou muita coisa por clarear.

A primeira coisa seria ver quem são os cegos, prisioneiros e oprimidos. Penso que é tudo a mesma coisa. É a mesma situação do pobre, com novas imagens.

Voltando sempre à comparação da semente, pobre tem a boa semente no coração, que é igual à Boa Nova. Mas ele não enxerga essa semente boa: ela está tampada pelo timbete. O pobre fica pensando que valor só tem quem tem dinheiro e vive na escuridão. Pobre não tem leitura, pouco conhece. Ele mesmo se acusa de bobo e ignorante. Pois Jesus Cristo veio espancar a escuridão e esclarecer com a Boa Nova.

Prisioneiro dá no mesmo. O cego é prisioneiro de sua cegueira e todo mundo passa o coitado pra trás. No trabalho, o pobre está preso. De três gotas de suor que o pobre trabalhador derama, uma serve pra ele comer, as duas outras vão dar lucro aos outros. É isso mesmo. Eu, por exemplo, estou nos meus 56 anos e já ajudei muita gente a fazer a vida. Sempre labutei, nada tenho, hoje estou mais pobre do que quando comecei. Tudo o que fiz, para onde foi? Foi para o bolso daqueles que não deram duro. Por aí tem gente que nunca pega no pesado, só fica fiscalizando e se enche da nota. Pagando pouco, vendendo caro, comprando barato, aproveitando algum apuro, passando a perna, gambirando,

explorando. O pobre é um cativo. Vive vida de preso. Mas a liberdade dos outros, o luxo dos outros é ele que paga, e paga com os olhos da cara. Ainda leva fama de preguiçoso porque dizem que se é pobre é por preguiça. Se ele faz um bom trabalho como uma cerca bonita, quem recebe o elogio é o patrão: Como está bonita a sua cerca! Às vezes, está ali perto, ouvindo, o resto de gente que levantou a cerca, mas ninguém nem olha para ele. Além de ser cego, o pobre nunca é enxergado porque está prisioneiro atrás das grades de sua pobreza.

Também tenho esse pensar: cegos, prisioneiros e oprimidos são os trabalhadores que vendem seu trabalho aos outros a troco de nada. E vive archoado, sem poder levantar a cabeça. Meia, por exemplo, nunca fez ninguém ir pra frente. O lavrador só sabe trabalhar na terra precisa de terra pra trabalhar, mas não tem terra. Arranja alguém que dê de meia. Aí precisa de comprar mantimentos. O dono da terra faz o adiantamento e ele fica devendo. Já entra na conta a colheita e ele vai pagar com arroz barato, o mesmo arroz que comeu quando estava caro: vai pagar uma saca com três ou mais, pois além da diferença do preço ainda tem os juros que ficaram correndo. Tem de queimar logo seu arroz porque não pode guardar: nem tem lugar nem o patrão deixa que retire antes de saldar a dívida. Depende sempre de um preço imposto: barato quando vende, caro quando compra.

O pobre é um cativo. Vive vida de preso. Mas a liberdade dos outros, luxo dos outros é ele que paga, e paga com os olhos da cara.

Na roça precisa de escola. Vem um político, promete, mas cobra o preço do voto. Se vence na eleição, nem sempre se lembra da promessa. Se perde, até a esperança de escola fica perdida. O mesmo acontece, se precisa de estrada.

Já experimentaram entrar com alguma ação na justiça? Pra começar, nenhum pobre pode pagar advogado. Justiça custa dinheiro. . . e falta dinheiro ao pobre.

Tudo isto é uma prisão mesmo, uma opressão. Tem ainda muita coisa em cima de nós. Isto aí é só o começo.

Vocês não se lembraram da lavadeira. Estraga a saúde por nada. Nem sindicato temos. Para ir curar as doenças que a gente pega na beira do rio, falta remédio e médico. O que se ganha não dá.

Pra quem cai doente, piorou. Quando fica doente ou velho, o trabalhador é jogado fora como um traste. O cativo e a opressão se unem com a cegueira. O trabalhador nem tempo tem pra pensar e poder enxergar a opressão em que vive.

Isto mesmo. Somos desunidos, descompreendidos. A gente não sabe se organizar nem defender os direitos. Tem gente que recusa entrar no sindicato: "Isso aí é tapeação. Não vou pagar uma quantia pra enricar o presidente!" A pessoa não entende que precisa unir pra acabar com a opressão e a dependência. Parece que gosta do cabresto.

A primeira coisa é enxergar. Depois que a pessoa enxerga, já começa a perceber o claro da libertação. Precisava ajudar todos os companheiros a enxergar pra fazer aquela união grande, aquele mutirão forte. No roteiro da comparação da semente, primeiro se enxerga o timbete e as outras pragas e a sufocação do arroz. Depois se organiza o mutirão para combater aquela sujeira toda.

Quando começou o sindicato, muitos se animaram e entraram. Aí todo mundo pensou: agora, a união vai pra frente. Mas muitos tinham entrado só por interesse de médico e dentista ou pra poder ter defesa. Pouco se lembraram dos companheiros da sua classe. E daí nada quiseram assumir. Ficam só exigindo benefícios, como se fossem donos do sindicato e a diretoria não fossem companheiros mas empregados.

Mesmo no sindicato, pra ser um bom sócio tem que enxergar claro. Tem que ver como ele mesmo passa, mas também o passado dos companheiros. Sem a Boa Nova é difícil que o trabalhador se torne um bom sócio.

Também acho importante: a pessoa que é evangelizada vê melhor e tem mais disposição. Agora aqui a gente tem que tomar um compromisso de levar aos companheiros da roça e a todos os que vivem na opressão, como nós esta Boa Nova.

Acho que o compromisso primeiro é de nos conhecermos para a união. Temos de nos preparar para esta tarefa. Senão, falta segurança.

Nós que ouvimos esta Boa Nova temos de aproveitá-la até o fim. Não podemos mais ficar na cegueira, aceitar o cativo e a opressão. A Boa Nova mudou e vai mudando a vida da gente. Somos obrigados a abrir os olhos e enxergar nossa vida e a vida dos outros e procurar uma mudança.

A Boa Nova tem que ser levada, como um recado expresso, a todos os cegos, a todos os prisioneiros, a todos os oprimidos. Enquanto isto não se fizer, continua a cegueira, a prisão, a opressão. Ela é o decreto de libertação. É claro que nós, recebendo o recado, temos de levar aos interessados.

Isto mesmo. Somos desunidos, descompreendidos. Agente não sabe se organizar nem defender os direitos.

A Boa Nova tem que ser levada, como um recado expresso, a todos os cegos, a todos os prisioneiros, a todos os oprimidos.

Por que Jesus Cristo ajunta: "Hoje esta palavra se cumpriu?" A realidade parece mostrar que não se cumpriu.

Tenho comigo que, depois que ele falou, todos os cegos já têm condição de enxergar, todos os prisioneiros têm condição de se soltar e todos os oprimidos de se libertar. Mas a Boa Nova não chega a todo mundo de uma só vez. Mais uma vez, é preciso formar um mutirão ou uma corrente. Cristo deu começo ao mutirão do Evangelho. Até limpar toda a roça e chegar a colheita, o trabalho não pode parar.

Até que todo mundo se una, sempre teremos que combater os empecilhos e arrancar as pragas que estão sempre nascendo. A humanidade não vai poder ficar nunca parada. A Boa Nova não deixa. Ela precisa crescer e o povo precisa tirar tudo o que tampa e sufoca a boa semente, atrasa a planta boa.

E aí clareia também o dizer do dia de graças que só pode ser o dia da colheita.

Nós aqui já não temos desculpa. Já entramos no mutirão. Por isso é que estamos aqui reunidos. Tivemos a sorte de conhecer estas coisas, receber o recado da Boa Nova. Temos que aproveitar, saindo daqui, e levar para todo mundo. Para o munto todo.

Naquele tempo, João Batista se largou para o deserto da Judéia e lá começou a pregar, dizendo: "Vocês precisam largar o pecado porque o Reino de Deus vem aí!" Foi sobre João que o profeta Isaías tinha escrito isso: "Alguém está clamando no deserto; Preparem o caminho para o Senhor. Abram estradas bem retas para ele passar". João usava uma roupa feita de couro de camelo, um cinturão de sola e sua comida era gafanhoto e mel do mato. Os moradores de Jerusalém, da região da Judéia e das margens do rio Jordão saíam para ouvi-lo. Confessavam os pecados e ele os batizava no rio Jordão. Quando João notou que muitos fariseus e saduceus vinham pedir o batismo, disse: "Bando de cobras venenosas! Quem disse que vocês vão escapar do terrível castigo que Deus vai mandar? Façam coisas que mostrem que vocês estão arrependidos. E não pensem que podem se desculpar dizendo: Abraão é nosso antepassado. O machado já está encostado no tronco para cortar as árvores. Toda árvore que não der bom fruto vai ser torada e jogada no fogo. Eu batizo com água para vocês darem sinal de que se arrependeram. Mas aquele que vai chegar depois de mim vai batizar com o Espírito Santo e com fogo. Ele é mais importante do que eu: eu não sou digno nem mesmo de carregar as chinelas dele. Com a pá que tem na mão, ele vai separar o trigo da palha e guardar o trigo no seu paiol. Mas na palha ele vai atear um fogo que não se apaga nunca." (Mt. 3, 1-12.)

O machado já está encostado no tronco para cortar as árvores. Toda árvore que não der bom fruto vai ser torada e jogada no fogo.

Vamos tocar pra frente o nosso mutirão do Evangelho. Nosso grupo aqui está aumentando o amor e a compreensão. O timbete vai sendo arrancado. Não acham?

Desde que nós começamos a caminhar juntos, aumentou nossa esperança e vai aumentando sempre porque um pedaço da roça já ficou limpo. Mas é demais ainda a roça por limpar. Não tem sentido a gente ficar satisfeito da nossa união e não se importar com a desunião da humanidade. Nós somos homens da mesma raça que os outros. Queremos o amor e a justiça, não para nós somente, mas para todos os homens deste mundo.

Todos no eito. Nosso mutirão tem de seguir adiante.

Já descobrimos quem plantou a roça e por que plantou. Jesus veio anunciar uma Boa Notícia, uma notícia ótima: os oprimidos vão ser libertados, os cegos vão enxergar. Esta é uma Boa semente por ele plantada no chão que são os pobres. Os pobres são a terra boa que precisa ser preparada, desembaraçada do timbete, para que cresça a libertação, a união.

A nossa esperança é que este mutirão ajude a fazer um mundo em que todos possam ter sua vez, uma terra de justiça e de igualdade. Um dia o mundo será igualmente de todos e a felicidade será repartida assim como repartida será a terra, a comida, os recursos, a vida.

Hoje temos essa palavra de João Batista. Ele fala que tem árvores que não dão fruto bom e o machado já está encostado pra torar. É uma comparação. Quais serão essas árvores?

No meu modo de ver, o bom fruto é o mundo justo e igual, de amor e união, que está na nossa esperança. Esta nossa esperança veio do Evangelho. Nasceu da semente da Boa Nova. Tem que ser um fruto bom.

Já eu estou pensando que as árvores somos nós. Uns produzem esse fruto bom. Outros só produzem fruto ruim que é o contrário da justiça e da união e do amor. Estes estão correndo perigo. O machado bota abaixo.

O machado não será o próprio Evangelho?

Isso aí! O Evangelho é uma palavra que corta toda ruindade.

Incomoda que nem um corte. . . Ouvi um dia destes o padre questionando o povo, na Missa, sobre uma palavra do Evangelho. Ele perguntou se a gente tinha direito, ali, de dividir entre nós o pão que é o Corpo de Cristo. Estamos reconciliados com o irmão? Unidos? Repartimos o pagamento justo com a empregada, com a lavadeira, com o trabalhador? As pessoas ficaram incomo-

O machado não será o próprio Evangelho? Isso aí! O Evangelho é uma palavra que corta toda ruindade.

dadas, algumas até saíram da Igreja. Na hora de rezar e comungar, ninguém pensa nisto e não se incomoda. Mas o Evangelho corta muita coisa e muita gente.

Tem também aquela outra palavra de João Batista: "Com a pá na mão, ele vai separar o trigo da palha". Pra nós, o instrumento de separar a palha é a peneira. A peneira separa o arroz do quirelo.

Quem segura a peneira é a mesma pessoa. Parece que é Jesus Cristo. O trigo, que pra nós aqui é o arroz, só pode ser a pessoa que produz bons frutos. A palha é o egoísmo, a opressão, a desconcórdia. Então a comparação da pá ou da peneira vale tanto como a do machado. O Evangelho é o machado e a peneira.

Só que aqui aparecem de novo algumas confusões que a gente precisa resolver. A primeira confusão é sobre a Igreja. Aqui, nesta nossa sociedade, todo mundo é cristão e a maioria são católicos. Batizados todos são. Casados na Igreja, quase todos. Muitos vão à Missa. Quem não participa das festas dos santos? O padre lê e explica o Evangelho e não tem quem diga que rejeita. Não podia existir árvore má entre nós. Nem quirelo. Mas existe. Está aí tamanha injustiça que basta a gente virar os olhos para ver: uns no seu bem-bom, uns poucos, e os muitos no desespero.

É isto mesmo. Na nossa nação brasileira, a maioria são católicos. Uma pessoa nasce, logo é batizada. Recebem os sacramentos, pelo menos o casamento e a unção na morte. A maioria vai à Missa quando tem jeito, porque muitos não têm jeito mesmo. O pessoal cumpre isso tudo como uma obrigação ou um costume. Tinha de ser assim porque fomos orientados nesse trilho. O que estará faltando aí?

Para mim, está faltando a peneira que é o Evangelho. Quer ver? Lá na Matriz, quando tem festa de S. Benedito, todo mundo aparece na Igreja. É aquela movimentação de gente, leilão, foguetório, e o dinheiro corre. Agora vá lá quando tem uma reunião do Evangelho. Você vai encontrar uma micharia de gente: 10 pessoas, 15, quando muito 20. E assim mesmo nem todos estão participando na ativa, dando palpite. E todo mundo é convidado para participar. Mas não se trata só de ouvir, pagar ou bater palmas. É entrar no mutirão. Buscar junto com os outros. Cavucar a realidade com as palavras do Evangelho. Nesta hora, a maior parte cai fora. Uns não vão porque a Igreja não obriga, e só fazem o que a Igreja obriga. Outros se desculpam dizendo: Já vou na

Missa e na reza, e basta. Não sou padre: Evangelho é coisa de padre.

Por isso é que tem outros que só vão se o padre estiver. Sem padre, dizem, nada têm a aprender só com essa gente pobre e ignorante.

Tem ainda os que começam e depois largam, porque o Evangelho mexe com a vida deles. Um dia fui conversar com o seu Antônio que largou o grupo de Evangelho e perguntei por que tinha largado. Ele disse: Porque tem umas pessoas querendo mexer com a vida dos outros. O Evangelho não é para mexer com os negócios. Já viu, uma turma de bobos querendo mudar certas coisas?

Aí está um bom exemplo. Muitos católicos estão dispostos a tudo, contanto que não se queira nada mudar da vida e da sociedade. Acham que a Igreja é para falar em céu e em alma, só. A vida não se toca. . .

O grupo de Evangelho é sempre pequeno porque ele é peneirado. O Evangelho é uma peneira.

Mas no começo nós falamos que esta é uma confusão. Como é que nos grupos, onde se toma um compromisso com o Evangelho, só pouca gente vem e, para receber os sacramentos, vai aquele mundão de gente. Acho que aí está um erro mesmo. O povo foi criado recebendo sacramento, mas não sabe o valor deles. A peneira tinha de ser usada, talvez, antes de dar o sacramento e não depois. Como lá vai indo, as pessoas recebem o sacramento e acham que tudo já fica resolvido. Têm até um modo de dizer: Quero batizar logo para ficar livre de compromisso. Não é gozado? Dessa maneira, a Igreja nunca vai ser um povo unido e que sabe o que quer. Como pode, se os cristãos não têm costume de decidir as coisas juntos?

Com certo tipo de cristãos não tem nem jeito de fazer uma reunião. Um dia, o vigário precisou fazer uma votação da equipe de administração. Foi durante a Missa. A Igreja estava lotada. Deu uma confusão danada. A maioria nem ficou sabendo o que era a tal equipe de administração. Mas votou assim mesmo. . . Outro dia, para renovar a equipe de administração, ele já fez diferente. Convidou para uma reunião no horário e lugar da Missa mas sem Missa, para não misturar as coisas. Apareceram só umas 30 pessoas. Peneirou.

Bom, mas a peneira do Evangelho não será só para organizar a Igreja. Tem de ter mais serventia.

Por isso é que tem outros que só vão se o padre estiver. Sem padre, dizem, nada têm a aprender só com essa gente pobre e ignorante.

Mas já seria alguma coisa passar uma peneira na Igreja. Se os cristãos se reunissem para se comprometer com o Evangelho, ia ter mais união, o pessoal aprendia a conversar e decidir junto.

Depois o Evangelho leva a fazer uma crítica da vida e mudar. Os cristãos podiam ser um povo que tem uma idéia própria, que tem uma opinião certa sobre as coisas que acontecem.

Não entendo por que toda a Igreja não começa a usar esta peneira do Evangelho. Parece que é o costume e a tradição que impede. O povo costumou sempre receber os sacramentos assim, repetir alguma coisa do catecismo, mais nada. Não sente falta de Evangelho nem compromisso nem união com os outros.

Não é só isso não. Também entra o interesse. Enquanto a Igreja continuar assim, a realidade fica tampada. Na Missa, os ricos comungam junto com os seus empregados. Já pensou, o dia que tiverem de ler e conversar juntos sobre os compromissos de cristão? Eles não vão tolerar. Vão cair fora bem depressa porque não tem jeito.

Eu sei de uma reunião do Evangelho que era feita na casa do patrão, na roça. Começaram com a parábola do semeador. Aí o patrão tomou conta da palavra e não deixou ninguém mais falar porque só ele sabia do sentido: as pedras são os malandros que carregam faca e revólver, a estrada são os que só pensam em cachaça e futebol, os espinhos são preguiça, bebedeira, gastar-à-toa, e foi indo nessa batida. Ele falava e a turma batia a cabeça aprovando. Depois foram ler sobre os oprimidos e os pobres. Aí ele tentou o mesmo golpe. Pobres, dizia ele, não são os pobres. São os ricos que não fazem caridade. A turma se animou e começou a comentar essa caridade dos ricos. Aí saiu, que libertar os pobres e oprimidos vai ser construir a igualdade entre todos, dar a todos o mesmo direito. Daí em diante, ele fechou a cara, descroçoou, já não ofereceu a casa para a outra reunião. Ela foi marcada noutra casa mas ele não compareceu mais. Parece que aí está claro o exemplo da peneira. Usou o Evangelho, a peneirada vem.

Com essa peneirada, a Igreja podia mesmo até anunciar a Boa Notícia aos pobres e libertar os oprimidos como já vimos nas outras reuniões. Mas só com sacramento, nunca vai se entender que cristãos são esses e se eles querem alguma coisa neste mundo.

Tá aí. A peneira não será o juízo final do fim do mundo?

Bom. A maioria explica assim. Mas na realidade que a gente vê, o Evangelho é uma boa peneira já agora. Experimente ler o Evangelho na Igreja cheia e depois abrir um debate assim: Va-

mos ler isto aqui, tomar o sentido, decidir para a vida e todo mundo se compromete a cumprir. . . Será que muita gente não ia dar logo o fora? Hoje o povo evita a reunião do Evangelho e vai batizar, casar e comungar na Igreja paroquial. E quando os sacramentos só forem dados depois de conhecer o Evangelho e firmar um compromisso com a comunidade?

Para chegar a isto, dê tempo. . . As tradições são fortes, custam a cair e não sei se cairão algum dia.

Vai ser custoso. Mas os nossos grupos de Evangelho estão caminhando para isto. Depois que a gente entrou no grupo, acha difícil ser digno de uma Missa, de celebrar uma verdadeira páscoa, de até rezar um Pai Nosso. Eu ainda acho o meu compromisso muito fraco e a nossa comunhão de irmãos muito pouco para isto. Mas a maioria do povo continua comungando tranqüila e nem sabe se existe um compromisso na vida.

Não podemos condenar e nem acusar os outros como cristãos de segunda classe por isto. Mas está aí um compromisso duro para nós: dar um testemunho para que os olhos dos nossos companheiros se abram. Afinal a peneira é para nós. A gente precisa ver sempre se não está virando quirela.

Certo. E ao mesmo tempo temos que anunciar o Evangelho para ele peneirar, separar as coisas. Misturar só serve para quem quer encobrir a realidade. É o mesmo que usar a peneira pra tampar.

Não queremos o Evangelho para botar em cima dos irmãos que acompanham só a tradição. A gente quer que os que se chamam cristãos se tornem unidos para construir o mundo que o Evangelho quer. E os que não querem isto querem é pisar no povo, e calçar o pé com a religião, que estes deixem, que fiquem pra lá.

Hoje o povo evita a reunião do Evangelho e vai batizar, casar e comungar na Igreja paroquial.

(A mesma leitura de Mt. 3,1-12)

Na última leitura, nós descobrimos a peneira que é o Evangelho. Ele serve pra separar o arroz da quirela. Com o Evangelho nós acolhemos os irmãos que querem um compromisso, que querem um mundo de irmãos. Os que não querem não passam na peneira e ficam como a palha. A leitura deu muito certo. Se a gente, na reunião nossa, só rezasse o Terço e celebrasse Missa, nunca ia ter condição de decidir alguma coisa do Evangelho na vida. Depois, sempre ia chegar uma massa de gente que aceita a Missa mas não quer conversa sobre o assunto de amor, justiça e igualdade. Assim nós estamos sendo peneirados e o mundo também.

Mas olhe lá esse negócio. É o Evangelho que é a peneira, não nosso grupo. Não acho que uma pessoa, por não ser unida com a gente, esteja por isto contra o Evangelho.

Claro. A gente também pode se tornar um muro que esconde o Evangelho em vez de mostrar. Precisa cuidado com isto. Precisamos sempre estudar a realidade com o Evangelho na mão. Assim é que gente pode melhor mostrar as coisas.

Se bem entendi, podemos tirar uma conclusão: ou os cristãos, nós todos, somos unidos com Cristo pelo Evangelho e então somos unidos e lutamos juntos para anunciar a Boa Nova, ou então a gente se torna uma mistura de arroz e palha e não serve mais pra nada.

Claro. A gente também pode se tornar um muro que esconde o Evangelho em vez de mostrar. Precisa cuidado com isto.

O mau fruto que eu conheço é o sofrimento, o desespero. É o que mais a gente encontra por aqui.

Isto mesmo. Se no meio de nós tem palha, não podemos queimar, senão queima o arroz. Tem arroz? Não se podia comer, por causa da palha. Não dá pra fazer nada. Nem queimar, nem comer. Parece que é isto o que está acontecendo na Igreja. Vamos chamar os cristãos, domingo, para debater como dar condições de vida às lavadeiras que recebem uma quarta parte do salário mínimo? Vão estar lá as patroas, e vão ficar furiosas e vão acusar que nós somos comunistas, pois isto já acontece sem a gente chegar a esse ponto. Então teremos de esconder o Evangelho, dizer que as patroas são anjos do céu porque todo ano promovem o Natal dos pobres? Mas são muitas delas e seus maridos que fabricam os pobres! Sem o Evangelho não tem jeito de consertar esse trem.

Mas já que pegamos a mesma leitura, tem aí um ponto que começou e depois interrompeu: é o machado. Foi falado que o machado é o Evangelho. O Evangelho é uma peneira e é um machado. Qual seria o sentido do machado?

Machado é uma ferramenta para cortar as árvores. João Batista fala que ele cortará as árvores que não dão bom fruto. Será que ele vai cortar gente? As pessoas que não dão bom fruto são as que dão frutos maus. Então vai ser preciso procurar esses frutos maus para saber das árvores que os produziram.

O mau fruto que eu conheço é o sofrimento, o desespero. É o que mais a gente encontra por aqui. A destruição do lar, a falta de amor a matança, a inveja, os filhos largados por aí sem escola nem educação. De onde virão esses frutos?

A maior parte vem da ignorância. Não acho que ninguém queira estas coisas nem para si nem para os outros.

A minha idéia é que é difícil julgar as pessoas, dizer se alguém é bom ou é mau. Não me sinto com direito de julgar. Talvez um dia Deus vai julgar os homens, um por um, e jogar de lado, fora do seu Reino, aqueles que são maus. Mas por enquanto nós não temos condição de fazer isto.

Concordo. Nós não estamos aqui para julgar e condenar as pessoas. Jesus Cristo não trouxe uma notícia má, um castigo, mas um meio de salvação, uma notícia boa. Ele veio ajudar a humanidade. O que nós estamos querendo é união. Procuramos melhorar o mundo. Não condenar nossos irmãos. Então como se explica esse machado?

Ele é o próprio Evangelho, a Palavra de Deus, como já vimos. Ele corta pela raiz a árvore que produz frutos ruins. Agora qual será essa raiz e qual será essa árvore?

Para mim, essa árvore é a ambição. Vejam o caso que aconteceu numa fazenda. Começou uma reunião na casa de um meieiro. O patrão ficou sabendo e mandou avisar: Ou deixam de fazer reunião do Evangelho na minha fazenda, ou eu tomo a roça e mando embora. O trabalhador queria continuar porque a reunião era na casa dele. Mas o dono da fazenda entrou em fúrias. Aí o padre aconselhou que mudasse de lugar para não criar briga. Mas dificultou muito para os moradores da fazenda que não podem nem mais ir à reunião, longe demais. Eu soube que nem por isso o patrão deixou de tomar as roças do empregado. Estão em briga até hoje. Ele não agüenta que seus empregados fiquem esclarecidos. Por quê? Ambição. Ele quer imperar na fazenda, mandar e desmandar, sem que ninguém possa dar um pio.

É ignorância também. Esse patrão deve estar pensando que estas reuniões são contra ele. Não entende o sentido delas. Ignorância.

Um pouco é o costumê. Antigamente não tinha dessas reuniões. O patrão é uma pessoa antiga. Não gosta de novidade. Ele acha que o povo não precisa aprender nada. Só a obrigação. Assim é que está bom.

Mas o principal é mesmo a ambição. Só quer saber de dinheiro, de exploração. O medo da reunião é que o pessoal pode descobrir as manobras e tapeações.

Pois é. De qualquer modo, parece que aí está a árvore ruim. Esse patrão quer mandar na casa do empregado, invadir a liberdade que ele tem de se reunir com os que ele quer para estudar o Evangelho. Mas é importante procurar a raiz dessa árvore. No meu pensar, são todas estas coisas: a ignorância, a ambição, o egoísmo. É a mesma coisa que vimos do timbete. É uma raiz que parece estar em todo mundo. Todos pegamos um pouco dessa raiz má. Se não prestar atenção, acaba deixando essa raiz tomar conta.

Pelo que a gente vê, essa raiz é a desunião e o amor próprio e o desprezo pela vida dos irmãos. Ela está em tudo. É mesmo como uma praga que precisa sempre combater. A gente vê que todos somos levados à ignorância, a dar valor só ao dinheiro e ao interesse e não às pessoas.

Parece que aí está a raiz da árvore má que produz maus frutos. Agora, o que são esses maus frutos?

O patrão é uma pessoa antiga. Não gosta de novidade. Ele acha que o povo não precisa aprender nada. Só a obrigação. Assim é que está bom.

É a coisa mais fácil de ver. É a situação do povo. O primeiro é a falta de terra. A maior parte vive do trabalho da terra e não tem terra para trabalhar. A terra está nas mãos só de uns poucos. O pior é que quem trabalha para o outro nunca tem condição de melhorar. O suor que ele derrama vai quase tudo embora. O que sobra do trabalho acaba nem dando para o sustento da família. Quando a pessoa adocece, é despejada e não encontra mais outro lugar. Aí vai morrendo à míngua. Se acontecer algum problema qualquer, para o pobre que trabalha com os braços não tem justiça. A justiça custa dinheiro, é só pro rico. Por isso é que tem por aí muita gente vivendo de esmola. Como podem trabalhar se não encontram trabalho? E se encontram, às vezes não têm condição suficiente, a começar pela saúde. Os filhos crescem soltos, sem estudo, na escola da miséria.

A maior parte vive do trabalho da terra e não tem terra para trabalhar. A terra está nas mãos só de uns poucos.

A gente não tem liberdade. Não manda em nada: casa não tem ou se tem é dos outros que querem botar ordem até dentro dela. Na roça, distante de tudo, o povo fica escravo do patrão, tem medo dele. Mesmo se algum patrão permite a reunião, se comparecer o povo perde a coragem de falar as coisas como são.

E tem mais uma. Agora apareceram as máquinas que tocam muita gente da roça. O patrão prefere um trator ou prefere criar boi: onde aumenta pasto de boi, diminui rastro de gente. A maioria perde seu lugar e fica sonhando com o Norte. Conheço mais de um que foi lá e voltou em pior situação. O certo é que, para os pobres, este mundo está cada vez mais sem lugar.

Os preços dos gêneros são outros inimigos do pobre. Na safra, o cereal custa pouco e o peão não tem jeito de esperar preço melhor. Mesmo a terra valorizou demais e não temos possibilidade de adquirir um pedacinho.

Estão aí os frutos, gente. E tem muitos mais. Desse jeito, todo mundo fica uns procurando derrubar os outros, pensando só em si. A coisa fica cada vez pior e o sofrimento no mundo vai aumentando.

Nem para todos. Alguns aumentam o conforto e a vida boa.

Alguns poucos, sim. Estes são os donos da terra, sobretudo os tubarões que engolem a terra dos pequenos. Todo mundo trabalha para eles e a riqueza só pode ir aumentando com o suor de tanta gente.

Mas então a árvore que dá maus frutos são essas pessoas?

Não, eu não acredito. Tem muita gente boa entre eles. E tem muita gente ruim entre os pobres. A raiz do egoísmo e da ambição está em todos, da mesma maneira.

Talvez. Mas quem paga o pato é sempre o trabalhador. É quem mais sofre. Lá na fazenda vizinha teve seca e o arroz quebrou muito. Todo mundo perdeu. Um amigo meu plantou 3 sacos e só colheu 23. Mas agora os donos da terra dizem que vão cobrar a meia também do adubo e da semente, pois não podem tomar prejuízo. E o lavrador, o que vai fazer? Ele é que tem de sozinho levar o prejuízo na cacunda?

Estou aqui com uma opinião que a árvore que dá esse mau fruto acaba sendo a classe dos patrões. Eles é que seguram a terra e cada vez compram mais terras. Quanto mais compram, mais enricam. E a gente que é pobre quanto mais trabalha para os outros mais escravo fica.

Um patrão num outro lugar, ano passado, estava pagando 7 cruzeiros por dia ao empregado para a destoca. O dinheiro não dava por causa da carestia de tudo. Só a comida levava mais do que isto. A mulher do empregado caiu doente, teve de ir pro hospital e ele foi pedir dinheiro emprestado a um colega, alegando que o patrão não emprestava. O colega perguntou: Por que você fica trabalhando por esse preço? Sabem o que ele respondeu? Não tenho coragem de dizer não ao patrão. Está aí a verdade: a classe pobre sofre e pena para enricar a classe rica. Os patrões vão tomando tudo e nós vamos tudo perdendo.

Parece que começo a entender: a árvore é a sociedade que nós temos, que produz esses frutos ruins. A raiz parece que é a injustiça. Para mim ficou mais ou menos claro.

Estou aqui com uma opinião que a árvore que dá esse mau fruto acaba sendo a classe dos patrões. Eles é que seguram a terra e cada vez compram mais terras.

Todo o povo forma uma grande macaúba espinhenta. Todos se queixam dos espinhos, muitos se referem, mas ninguém resolve botar abaixo a macaúba.

A árvore boa não dá frutos ruins nem uma árvore má pode dar frutas boas. Pois cada árvore é conhecida pelos frutos que produz. Não é possível colher figos dos espinheiros nem uvas de plantas espinhentas. O homem bom tira o bem do depósito de coisas boas que tem em seu coração. E o homem mau tira o mal do seu depósito de coisas más. Porque a boca só fala daquilo que enche o coração.

Da outra vez ficou claro, sim, o seguinte: o mundo é dividido. Tem gente que planta, capina e colhe, e gente que come. Para uns vai o trabalho. Para outros vai o fruto do trabalho. Aos que trabalham, tocam todos os sacrifícios, a falta das coisas, a miséria. Aos que ficam só esperando a colheita, toca tudo do bom e do melhor. Está aí, a meu ver, a árvore má que a gente tem de torar com o machado do Evangelho: esta sociedade organizada desse jeito.

De acordo. Esta é a macaúba que só dá espinho.

Vocês estão falando e eu estou aqui pensando. A macaúba somos nós todos, o país inteiro. Todo o povo forma uma grande macaúba espinhenta. Todos se queixam dos espinhos, muitos se ferem, mas ninguém resolve botar abaixo a macaúba. Será por que ninguém sabe o que plantar no lugar dela? O povo não conhece o Evangelho. Só conhece mesmo é a macaúba. E tem mais uma coisa: de macaúba só nasce macaúba. Nós somos nascidos

aqui neste lugar. Somos fruto e semente de macaúba. Só podemos ser macaúba e só vamos produzir outras macaúbas.

(A estória da macaúba saiu porque no quintal do ranchinho onde se deu esta reunião tinha uma grande macaúba. O coordenador, nesta altura, tenta levar a um debate mais organizado.)

Gente, eu vou fazer uma proposta. Vamos nos dividir em grupinhos e estudar o seguinte: Quais são mesmo os frutos desta sociedade? Se a gente não conhecer bem os frutos, não pode dizer que a árvore é uma macaúba. A árvore só é conhecida pelos frutos.

Está certo. Mas isto a gente já viu: o fruto é a situação do trabalhador, do pobre, do oprimido. Da maior parte do povo. Podemos continuar neste eito para ver melhor o que o povo está passando.

(Depois de bater em grupinhos, saiu o seguinte relatório.)

O nosso grupo foi ver a situação que são os frutos da macaúba. Uma pessoa disse que um dos espinhos maiores é a meia: o lavrador planta e cuida da roça e, no fim, a metade vai pro patrão. Com a outra metade, ele tem de pagar os mantimentos que comprou fiado e a juros. Ainda tem a aração, a metade das sementes, do adubo, a sacaria. Não sobra nada. Quem trabalha na terra dos outros nunca tem incentivação para nada. Às vezes o patrão ara a terra muito tarde, quando já passou o tempo bom de plantar. Ou então faz uma aração mal feita. Todas as conseqüências vão cair no lombo do empregado. E outros foram completando, o meheiro não tem ajuda do Banco. Não encontra fiador para tirar dinheiro na Bolsa Agrícola. Quem tira é o patrão nas costas dele, gasta com gado e outros negócios e apresenta a roça ao fiscal como se fosse financiada. A maioria dos patrões não estão mais animados com meheiro. Qualquer coisa que a gente reclama, ele entope nossa boca dizendo: Se não estiver satisfeito, vá procurar outro patrão. Com as máquinas que são fáceis para ele, pode tocar a roça sozinho. Ou então acha mais vantajoso formar pasto. Um rapaz falou que ele não mora mais nunca em fazenda de patrão. Lá, quando aparece algum serviço, o patrão manda fazer mas não paga nada. E a gente não tem coragem de negar porque está na fazenda dele e não pode criar inimidade. Morando fora é sacrifício, mas sempre arranja algum quebra-galho. Mas aí outro

Na roça a pessoa tem um quintal, planta uma coisa e outra, cria um porco, uma galinha. Na cidade tem de comprar de um tudo e a despesa é demais. Mas tem patrões que nem galinha deixam criar.

falou que desse jeito não dá certo. Na roça a pessoa tem um quintal, planta uma coisa e outra, cria um porco, uma galinha. Na cidade tem de comprar de um tudo e a despesa é demais. Mas tem patrões que nem galinha deixam criar. Tem de ser na meia com ele, mesmo que a gente, para elas não estragarem, tenha que cercar o quintal por conta própria. Quem pode? Se a pessoa adoecer na fazenda, é o maior problema. O patrão às vezes não quer levar pro hospital, não faz adiantado. A colheita está longe, nada a gente tem. Falta condução. Se o patrão leva, toma nota pra cobrar caro depois. Na colheita, compra nosso arroz impondo o preço mais baixo e nem às vezes sobra para pagar as dívidas. O lavrador não tem futuro. A saúde se gasta cedo e aí procuram tocá-lo da fazenda e ninguém cede mais terra para ele.

Agora é outro grupinho. O assunto nosso foi este mesmo. Mas o principal que a gente viu foi a falta de terra e de instrução. A nossa classe não tem jeito de instruir os filhos. A terra está toda, cada vez mais, nas mãos desses latifundiários que pouco se importam da sorte do pobre. Com a terra, a vida da gente seria outra coisa. Na meia, ou trabalhando de diarista, tudo fica dificultoso. Na roça não tem escola ou então tem um grupo em petição de miséria. O médico, se a gente precisa de tratar, pede muito dinheiro e ali, em cima das buchas. A gente não tem, fica sem tratar. Este Brasil é grande, tem terra que não acaba mais. Agora, pro lavrador, adeus terra! O Sindicato melhorou um pouco a situação. Não da terra. Mas já tem aposentadoria, consulta de graça, dentista, embora sempre na dependência da assinatura do patrão. Por aí entra muito abuso. Às vezes o médico não gosta de atender pelo Funrural e maltrata a gente: maltrata e trata mal. Mudar, nada muda. Por toda banda, é a mesma coisa. Os mineiros e os nordestinos, tocados de lá, vieram para Goiás. Daqui o lavrador, sempre tocado está subindo para o Mato Grosso, Pará, Amazonas. Lá é dureza. Tem jagunço montando guarda nas fazendas, tem a morte pelo desabrigo, tem a maleita e a caladinha arrasando o pessoal.

Já o nosso grupo viu, tudo isto, mas ficamos discutindo o seguinte: todos os espinhos da macaúba estão ferindo os mais fracos, os mais de baixo. Quem está de cima não se espeta. Só se despencar para baixo. Nós, do chão, ficamos pelejando pra subir, a gente se machuca a vida toda. O trabalhador labuta a vida inteira e morre na miséria. Não tem esse que nos dê algum valor.

Quando a gente passa na rua, o povo fala: Aquele é um caipira. A gente é ignorante e sem leitura. Criados e crescidos na enxada e na dureza. O documento da gente é calo na mão e cravo nos pés. Hoje alguns têm a carteira do Sindicato. Para conseguir qualquer documento, é aquela exploração. Ninguém conhece a lei e vai pagando. O trabalhador só casa na época da colheita porque é só quando tem um dinheirinho para pagar os papéis. Um companheiro contou um caso: até os padres humilham o trabalhador. Um vigário ia batizar o filho de um lavrador e não gostou do nome. Aí disse: O senhor é um burro. Como é que vai botar um nome desses na criança? Deu briga. E foi preciso segurar o homem, porque perdeu a cabeça. Como nos outros grupos, a gente viu que o que precisa mais é a terra, para se trabalhar com liberdade. Tendo a terra a gente, com ela, tem tudo.

Durante a reunião, um dos presentes tinha papel e caneta e foi garatujando uma macaúba, dando nome aos frutos e espinhos: doença, fome, ignorância, falta de terra, desunião, humilhação etc. . . Aí todo mundo começou a comentar e a reunião ferveu. Um caboclo chamou: "Pois é, os espinhos da macaúba são tantos que não cabem no desenho". Outro sugeriu: "É fruta ruim? Precisava fazer os galhos pendendo do peso delas". Alguém disse: "Toda essa sujeira está plantada na cacunda do lavrador, do pobre. Rico fica na sombra, lá longe". Um, mais malandro: "A carga de vocês é muito pesada demais. Tem de largar no chão". Um outro deu este palpite: "Se unir o povo todo, com fé em Deus, a gente senta o machado nessa árvore". Outro emendou: "Mas precisa caprichar para depois de torar, arrancar todas as raízes. Essa macaúba aí é danada que nem peste. Se deixar um toco de raiz ela brota de novo". Muita coisa mais foi falada e não deu pra escrever. Todos estavam animados para cortar a macaúba.

O coordenador interrompeu a confusão e pediu outra tarefa: Qual será a raiz desta árvore? Voltamos para os grupinhos e depois foi apurado este resultado:

A raiz da árvore é o egoísmo. Cada um quer só pra si. Mas agora parece que o peão desta raiz é a classe rica. Esta classe tem tudo e não deixa os trabalhadores viver. A terra está na mão deles. Por meio da terra, exploram o trabalho da gente. Esta classe faz as leis que são todas favoráveis a quem tem. O latifúndio e as leis são raízes muito grandes e fortes.

A raiz da árvore é o egoísmo. Cada um quer só pra si. Mas agora parece que o peão desta raiz é a classe rica. Esta classe tem tudo e não deixa os trabalhadores viver.

Uma outra raiz pode ser o estudo, porque as pessoas que estudam são as que mais aprendem a explorar. O estudo não devia ser para isto. Mas está sendo. Basta ver a exploração nos cartórios, nas repartições, nos hospitais, nas fábricas, nos remédios e até na religião. A religião traz muito perigo de explorar. Nas festas religiosas, o povo corre atrás por devoção, promete o que não pode, esquece da vida e em vez de enxergar melhor com a fé, tampa os olhos com a religião. Na igreja, o povo se acostumou a ver os ricos na frente de tudo, como benfeitores, mas não se fala de justiça nem de direitos nem de Evangelho para eles. Os crentes também têm sua raiz de macaúba. Ficam achando que estão salvos porque trazem a Bíblia debaixo do braço e decoram muitas palavras. Mas não aceitam muito que aquela Bíblia é pra mudar alguma coisa na sociedade. Como se fosse possível a salvação sem olhar para o irmão.

Nas autoridades também se pode descobrir uma grande raiz. Eles que têm o poder de fazer a justiça, o que mais fazem é proteger o dinheiro. E o dinheiro é o sumo de todas as raízes porque é mais querido do que as pessoas, mais adorado do que o próprio Deus.

Um dos presentes resumiu: Deu pra ver muitas raízes desta macaúba. Agora todas elas estão transadas na exploração de uma classe de gente, uma classe muito pequena de número, mas muito poderosa. A macaúba não vem de Deus porque Deus só quer a árvore que dá fruta boa. Aos poucos todo o povo vai entender e aí vai dar para usar o machado. Mas ainda falta muito. Nós somos um tipo de gente. Os outros muitos andam por aí clamando: "Assim seja, amém. Deus seja servido". Se a gente deixar aí esta árvore má, o pobre não tem mais destino.

Esta reunião é de mais tempo atrás. Uma noite, nos encontramos no terreiro de um rancho numa vila. Uns 10 apenas naquela época. As esposas não compareciam. A gente conversou bastante sobre a situação. O Zé estava sem roça pra trabalhar, já em cima do tempo de plantar, as águas perto de chegar. Outros não tinham emprego firme. Um companheiro convidou o Zé pra morar na chácara que ele tinha alugado e trabalhar mais ele. A conversa foi longe. Lá pelas nove, o Antônio, dono do rancho, foi buscar outra lamparina pois a luz de uma só não dava pra enxergar a letra do Evangelho e fomos ler o trecho seguinte:

Entre eles, não havia nenhum mendigo pois vendiam suas terras ou suas casas, traziam o dinheiro e entregavam aos Apóstolos. E cada um recebia sua parte, conforme a sua necessidade.

Todos os que tinham fé pensavam e sentiam do mesmo jeito. Ninguém dizia das coisas que possuía que eram somente suas. Mas todos repartiam uns com os outros tudo o que tinham. Com grande poder, os Apóstolos davam testemunho da Ressurreição do Senhor Jesus e Deus abençoava muito. Entre eles, não havia nenhum mendigo pois vendiam suas terras ou suas casas, traziam o dinheiro e entregavam aos Apóstolos. E cada um recebia sua parte, conforme a sua necessidade.

(Atos dos Apóstolos, 4, 32-35)

Quando a leitura terminou, alguém pediu para repetir. Uma vez só não dava pra gravar direito. Depois começaram os palpites.

Ninguém sabia que os primeiros cristãos viviam daquele jeito. Por que será que ninguém não falou antes pra nós? E por que hoje tudo anda tão diferente? É bom ver um pouco melhor essa estória dos primeiros cristãos. Ver como eles deram conta de viver daquele jeito.

Estava lá um padre, misturado com a gente. Pedimos que desse uma explicação. Ele não achava bom ficar explicando, mas a gente insistiu que era o interesse de todos e uma explicação de conversa é diferente de fazer sermão na Igreja.

Dando um balanço, é certo que uma coisa ficou clara: a gente não tinha nada para colocar em comum a não ser nossas necessidades.

Então ele disse mais ou menos: Este negócio de colocar tudo em comunidade foi feito por alguns grupos dos cristãos no começo da Igreja. Eles eram um pouquinho de gente e tinham uma luta muito grande para enfrentar porque ninguém ao redor pensava como eles e perseguiam e pichavam. Talvez para alguns não fosse fácil ganhar o pão pois ser um cristão era tido como crime e, de certo, os pobres não encontravam emprego. Aí algumas comunidades resolveram colocar em comum tudo o que possuíam. Os Apóstolos não fizeram uma lei para isso. Era iniciativa do povo que participava da comunidade. Daí se ajudavam uns aos outros, se apoiavam na união e socorriam algum necessitado mesmo que não fosse de sua comunidade.

Naquela noite, conversamos muito tempo sobre isto. Voltou o assunto sobre a situação de cada um e acertamos também a maneira de nos ajudar uns aos outros. Dando um balanço, é certo que uma coisa ficou clara: a gente não tinha nada para colocar em comum a não ser nossas necessidades. Criamos um jeito de trabalhar juntos numa terra alugada, colocando em comum o trabalho dos nossos braços e o nosso sofrimento e ir acertando, entre nós, com a maneira de viver o Evangelho e evangelizar este mundo de hoje.

A situação do nosso mundo, alguém falou, é muito igual à situação dos primeiros cristãos. Só que a questão não é mais apenas de religião. Os pagãos e os judeus de hoje são os que adoram o dinheiro. E a Igreja não é mais só dos que seguem o Evangelho. Na Igreja como no mundo tem de tudo. Se a gente quer a justiça, não pode ficar apenas fazendo uma comunidade feliz, mesmo que a gente tivesse os meios. Pois o timbete está aí sujando todo tipo de roça. Nós vamos ficar unidos e chamar outros para se unir conosco, mas não queremos limpar só a nossa rocinha. Precisa tirar a praga ruim onde ela estiver. Para isto, precisa de todos.

Foi um papo muito bom, muito amigo. Mas o assunto não parou aí. Outras reuniões, depois desta, voltaram a tratar da comunidade cristã. Delas a gente pode lembrar umas partes que vamos relatar.

Os cristãos de hoje não formam uma comunidade, pois na Igreja também tem classes. Tem os ricos e tem os pobres. Tem os exploradores e tem os explorados. Nela a gente se encontra para rezar, mas cada um fica amarrado nos seus interesses e não se toca no assunto, da justiça e da união fraterna. Se às vezes o padre fala neste assunto, alguns, sempre os grandes, se sentem atacados. A maior parte pensa que a carapuça só cai na cabeça dos outros. Afinal ir à missa é um costume, não um compromisso de vida. E a maioria dos cristãos vai à Missa só por costume e nem sempre. Portanto não são uma comunidade. O que é que temos em comum?

A Igreja tem servido para encobrir a injustiça. É como um tapete bonito. A empregada da casa esconde a sujeira debaixo do tapete para ninguém ver. Mas daí a uns tempos a sujeira começa a feder e o tapete apodrece até. Assim pode acontecer com a religião sem compromisso.

Na Igreja dizem que todo mundo é igual. Mas não é verdade. Para o rico tem casamento de luxo, enterro bonito. Pobre é de qualquer jeito. Olhe o povo numa novena ou numa missa, os lugares, as vestes e diga se é igual. A Igreja aceita os ricos, até fala de humildade, mas eles acabam com a Igreja pois compram tudo e fazem dos sacramentos meios de vaidade. Pobre passa até vergonha, com sua roupa rasgada e seus pés no chão, diante daquele desfile de modas.

Também não tem jeito, hoje, de fazer uma comunidade cristã de verdade. Como é que vai fazer? Os pobres não têm nada. Os ricos não abrem mão do que têm. Dizem que os problemas da vida do pobre como terra, salário, emprego, não devem ser tratados na Igreja. A Igreja é para pensar só em Deus e na alma. É para rezar. E aí vamos amar, um comendo por três e três ficando sem comer?

O grupo de Evangelho também não é uma comunidade. Somos muito poucos e a gente não pode desprezar os outros. Sem o povo todo, como é que vamos realizar a justiça do Evangelho? Somos fracos. Precisamos ainda caminhar muito para ser cristãos em conjunto.

Também não tem jeito, hoje, de fazer uma comunidade cristã de verdade. Como é que vai fazer? Os pobres não têm nada. Os ricos não abrem mão do que têm.

Uma coisa que muito atrapalha é a tradição. As pessoas ficam presas a certos costumes, satisfeitas e acomodadas. Não enxergam que está tudo podre. Não imaginam que a religião da gente pode estar sendo só um tapete, escondendo sujeira por baixo. Alguns percebem que o tapete não está muito limpo, largam tudo mas não acordam, não tomam um compromisso de fazer coisa melhor.

A sujeira que está por baixo é a exploração dos latifundiários, a ambição. Como então lutar para fazer uma verdadeira comunidade? Temos de abrir os olhos dos companheiros para que exerquem essa sujeira. Temos que começar a dar valor aos sacramentos. Quem não tomar um compromisso de deixar a sujeira e lutar para que se faça justiça, não tem preparo para batizar um filho. Quem não está unido com a parte fraca não pode fazer uma comunhão.

Agora a gente vê que isto não dá para falar aos patrões. Um ou outro talvez aceite, mas a maioria fica revoltada. Sei de um que era muito religioso e deixou de ir à Igreja só porque ouviu dizer que os padres apóiam estes grupos de Evangelho. Diz que isto não é religião, é um comunismo. Está aí o problema: a Igreja errou e não tem jeito de consertar. Se for falar que a Igreja é pela igualdade, o povo mais graduado se revolta.

O Evangelho quer libertar os oprimidos. Ele quer a união de todos. Mas quem não aceita, o que vai fazer? Vai ficar fora da Igreja e não tem outro jeito. Hoje a Igreja destampou o Evangelho, não de todo ainda, mas já bastante. Muitas Igrejas fazem os grupos de Evangelho, unem os trabalhadores, dão valor aos pobres. Cortaram os casamentos de luxo, embora alguns vão longe procurar e encontram algum padre que aceita fazer o casamento na hora que eles querem e do jeito que eles querem. Talvez entre dinheiro nisto. Mas a briga começou e quando todos os padres decidirem ser pelos pobres, pela igualdade, muita gente vai largar de mão. E o povo mais fraco vai entender, vai cair na realidade.

Precisa ir com jeito porque o que não falta é ignorância e apego à tradição. O rico tem recurso e sai por aí procurando. Mas o pobre tem aquele costume antigo e fica sem saber. Vê-se forçado a fazer o curso exigido e faz. Mas o curso é pouco para ele enxergar. Está preocupado de batizar logo e não chega a entender o compromisso. Se não batizar, fica inquieto e até revoltado.

Isto só vai consertar quando a Igreja deixar de batizar crianças e de dar sacramento a torto e a direito. Precisa primeiro evan-

gelizar, formar comunidade. Basta olhar na vida da gente, na nossa. O que é que a gente entendia antes de entrar neste grupo? Nada. Ia à Igreja só por costume ou por superstição.

Nós todos precisamos dedicar o nosso esforço para evangelizar de verdade. Agora uma dificuldade é que o povo só valoriza o padre. Também neste ponto, a nossa classe é desprezada. Precisa conversar com as pessoas, fazer amizade, formar grupos e ir abrindo os olhos.

A Igreja é mesmo o povo? Nós somos mesmo a Igreja? Então só vai ter Igreja aqui se a gente tomar a sério este compromisso e levar o Evangelho aos pobres. Todos têm o Evangelho, pelo menos na vida. É só um ajudar o outro a descobrir. O pobre já vive o Evangelho mas está iludido com uma religião de santos e de votos e não sabe que está em Cristo e com Cristo. É entre os pobres que tem mais união e confiança. Todos somos necessitados, na roça, mas um chega na casa do outro e vai embicando sem pedir licença. Se é a hora do comer, participa do arroz, da abóbora, da farinha. Outras coisas a gente não reparte porque não tem. O que a gente vai fazer na Igreja? Receber humilhação dos ricos que fazem esmolas grandes à Igreja para se exibir e são apontados como benfeitores. Ou perder dinheiro com os marreteiros. Ou pagar votos que Deus nunca pediu. Nas festas, os tubarões tomam conta do leilão, arrematando alto para que o pobre fique com o olho grande, sonhando com o frango cheio, cheiroso que os filhos e a mulher mostraram com desejo. Precisa entender tudo isto. A comunidade se forma é no grupo de Evangelho, numa reunião de pobres. Os grandes não querem união com ninguém. A religião deles é o dinheiro e a vaidade.

Para mudar tudo isto precisa de muita coragem. Temos que escolher muito bem os nossos grupos: quando a gente vai se reunir num lugar, se tem lá um fazendeiro, ninguém tem coragem de se abrir, de relatar o que se passa. Todo mundo concorda com o que ele fala. O lugar da reunião tem de ser muito bem escolhido para todo mundo ficar bem à vontade.

Também o trabalho de evangelização precisa ser bem organizado. Cada um faz da maneira que sabe, mas temos que nos encontrar sempre para ver como é que está indo, enxergar mais coisas, corrigir os extravios. Precisa também de treinamentos. Se a gente não trocar um papo com os companheiros mais experientes, vai até esquecendo o que a gente quer mesmo.

A conclusão é que nós não somos uma comunidade cristã como precisava ser. Mas a gente tem de chegar a isto. Por enquanto, vamos trabalhando e enfrentando juntos e sempre pensando nos companheiros que não conhecem as coisas. Esta aqui é uma renovação muito grande, é uma Igreja nova. É a Igreja do Evangelho. A Igreja velha era só dos padres e bispos, gostava de apoiar o rico, conservava o Evangelho tampado, não deixava ninguém pegar a Palavra, não conversava assuntos da vida real mas falava só de religião, de alma e de inferno, ou Céu. Não tinha compromisso: era só cumprir o que estava determinado. Escondia a injustiça. Esta nova Igreja do Evangelho deixa a palavra livre aos pobres e até se orgulha dos pobres; não vende os sacramentos por dinheiro mas exige o compromisso; destampa a verdade do Evangelho e desmascara as injustiças. É a Igreja que se bate pela justiça e pelo direito de todos.

Neste ponto, nós já começamos a ser uma pequena comunidade. A gente tem a mesma mente e procura sentir do mesmo jeito. Queremos caminhar unidos. Temos a esperança de levar todos os companheiros oprimidos a se unir e se valorizar.

Para nós essa união dos primeiros cristãos é uma caminhada que só agora está começando. Para muitos, para a maioria nem começou ainda. Mas é a caminhada das pessoas que despertam para a justiça e começam a se mexer para alcançar seu direito.

Vocês devem lembrar uma coisa: se o dono da casa soubesse a hora em que o ladrão chegava, não ia deixar que ele arrombasse a sua casa. Vocês devem alertar-se porque o Filho do Homem vai chegar quando menos estiverem esperando. Então Pedro perguntou: "Senhor, esta comparação é só pra gente aqui ou é pra todo mundo?" Jesus respondeu: "Sabem qual é o empregado honesto e atilado? É aquele que o patrão encarrega de tomar conta de sua casa e servir aos outros empregados a comida na hora certa." Feliz dele se estiver fazendo isto quando o patrão chegar. Garanto a vocês que o patrão vai pegar aquele empregado para zelar de toda a sua propriedade. Mas pensem agora o que acontecerá se aquele empregado disser lá consigo mesmo: "Meu patrão vai custar muito a voltar" e daí começar a maltratar os outros empregados e empregadas, começar a se empanturrar de comida e a beber até ficar bêbado. Então o patrão acaba chegando num dia em que o empregado menos espera e em hora que ele nem desconfia. O patrão vai acabar com ele e vai dar o castigo que merecem os desobedientes. O empregado, ciente da vontade do patrão que não se prepara e faz o que o patrão quer, será castigado com chicotadas bem duras. Mas o empregado que não sabe direito da vontade do patrão e faz alguma coisa errada já será castigado com chicotadas mais fracas. Assim, muito será exigido de quem recebe muito. A quem muito se dá muito se pede.

(Lc. 12,39 – 48)

Este Evangelho mostra como Deus age. Quanto mais a gente consegue da vida, mais tem que colocá-la a serviço de todos.

Mas na nossa realidade não tem sido assim. Quanto mais uma pessoa tem, mais quer para si. Agora eu acho assim: depois que a gente enxergou a caminhada do Evangelho e nosso compromisso, é muito grande a nossa responsabilidade. Se não trabalhar, a gente vai apanhar mais. Os companheiros que não sabem de nada vão apanhar menos.

Certo. Nós todos somos empregados de Deus. O que estou vendo de importante nessa leitura é o seguinte: todos somos empregados nosso patrão é um só. Deus. Como o companheiro disse, Deus vai exigir conforme o que cada um recebeu. O empregado que for desonesto e largar o serviço, o patrão vai acabar com ele.

Estou pensando numa pergunta: estes empregados desonestos não serão mesmo os cristãos? A Igreja toda não parece que largou o serviço que devia ter feito há muito tempo? Por que, depois de tantos anos, este mundo chamado cristão está cheio de tanta injustiça e desigualdade?

Sobre esta leitura, já tenho um outro palpite: pelo que entendi, Deus é o único patrão e nós, neste mundo, somos todos iguais, tudo empregado. Quando a gente está junto, aí fica unido ou na leitura do Evangelho, ou em algum trabalho na roça. Estamos procurando fazer juntos a caminhada. Mas quando alguém começa a querer impor a idéia dele, a ensinar o Evangelho como se fosse o dono, vira patrão, está comando o lugar de Deus.

Sabe que disse uma coisa certa? Nós já nos acostumamos a trocar idéias e descobrir juntos o caminho. Ninguém banca o professor. Todos procuramos unidos. Tem um coordenador na reunião mas só para organizar o debate. E quando a gente começa a enxergar mais claro e ter uma boa consciência, qualquer um pode coordenar. É aquilo de apresentar a comida na hora certa: mas cada um é que come.

Na minha idéia, nosso patrão vai ser o Evangelho. É um patrão de chicote na mão. Quando a gente falta com ele, acaba apanhando muito mais duro. É o que acontece com o povo: esta situação toda, esta triste situação é porque o povo faltou com o Evangelho. Só dá valor ao dinheiro. Daí vem a exploração e a desunião dos pobres. Tem muitos que, vendo uma pedra ameaçar

Estamos procurando fazer juntos a caminhada. Mas quando alguém começa a querer impor a idéia dele, a ensinar o Evangelho como se fosse o dono, vira patrão, está tomando o lugar de Deus.

de rolar em cima de um companheiro, em vez de puxar pra livrar da pedra, empurram mais ainda na direção dela. Depois ainda sobem na pedra, querendo ficar mais alto.

Mas isto não vem da culpa deles. Alguns sentem que não está direito. Mas não enxergam claro porque estão oprimidos e sabem que, se quiserem livrar os outros, eles mesmos é que vão ser esmagados.

Tem um negócio aí que precisamos enfrentar. Será que os nossos grupos de Evangelho estão servindo? Será que estamos sendo empregados fiéis e honestos?

Tem uma dificuldade das maiores que pode servir de sinal, conforme meu pensar. São as críticas. Dizem que isto aqui não leva a nada, que somos uns bobos, uns pobres coitados. Mas é de gente que está longe do Evangelho e não tem interesse de entender. Estranham as mudanças da Igreja e não concordam de jeito nenhum. Da Igreja o que querem é só batizado ou casamento ou missa.

Mesmo nós ficamos invocados com essas críticas e não temos bastante coragem de manifestar o nosso pensamento perto dos outros.

Existe também falta de cuidado com os companheiros. Teve algum progresso. A união aumentou. O pessoal do grupo tem mais compromisso e conhece melhor as coisas da realidade. Muita gente começa a se preocupar com a vida, com os problemas que encontram.

As reuniões limaram certas idéias da tradição. Muita gente que está por fora começa a ter confiança na gente para perguntar muitas coisas e alguns até se oferecem para entrar no trabalho.

O que sinto é que somos empregados do Evangelho, mas falta agir como deve. Vem o medo de dizer a verdade inteira porque muitos querem esmagar a gente por ser empregados de Cristo.

Para mim, nossos erros são dois: um é que a gente não tem bastante esclarecimento e tropeça muito. O segundo é que, por falta de segurança, a gente quer bancar patrão e não dá oportunidade aos outros de falar e participar.

Certas tradições pelo menos a gente já deixou de lado. E já comecei a cismar com a ganância. Tem as horas em que até perco o sono, porque penso: "Quando eu não sabia de nada, encontrava muita coisa boa na vida. Agora, em todo lugar que eu vou, fico com raiva porque estou sempre vendo injustiça, ignorância, bofeira e superstição."

Para mim, nossos erros são dois: um é que a gente não tem bastante esclarecimento e tropeça muito. O segundo é que, por falta de segurança, a gente quer bancar patrão e não dá oportunidade aos outros de falar e participar.

Muitas críticas são sinal de que o trabalho está mexendo, tira as pessoas de sua acomodação, está dando certo. Os grupos estão sendo reparados porque devem estar fazendo alguma coisa.

Os críticos maiores são as pessoas de mais cultura. Precisa de ver. Encontrei um desses professores, outro dia, que queria me explicar as coisas. Eu andei respondendo e combatendo, mas ele não se conformou. Eles sabem as coisas dos livros, mas do Evangelho e da vida muito pouco. Não conforma que a gente que é pe-dreiro possa entender nada.

Quero voltar lá pra trás, a comparação do amigo aí sobre aquela pedra. Eu comparo a pedra na beira de cair com a classe que refuga o nosso trabalho. Eles pensam que a pedra vai pegar a gente. Mas nós estamos pelejando para que a pedra mude de direção. Se a gente conseguir, eles sabem que vai ser difícil eles ficarem do lado de cima, sentados na pedra que nos oprime. Por isso eles não querem que a gente escape. Acham que se a gente levantar a cabeça, a pedra vai cair mais depressa e machucar.

Já eu não desanimo com as críticas. Servem até para conhecer melhor e corrigir nosso trabalho. Quando há crítica, é mais fácil discutir, ver de que lado está a verdade.

As críticas são demais. Muitas pessoas ficam com raiva só de ouvir falar em justiça. A justiça atrapalha as organizações deles. O Evangelho é a verdade e a verdade incomoda. Por exemplo, os fazendeiros daqui não querem que o trabalhador conheça os seus direitos. Por isso combatem o sindicato. Chegam a expulsar o trabalhador que já conhece e discorda um pouquinho do sistema deles.

Também este trabalho prejudica um pouco a tranquilidade de todos. Anos atrás, quem colocava dúvidas sobre um batizado na Igreja, um casamento de luxo, uma festa? Hoje, tudo é criticado. A gente critica muito mais do que esses críticos nossos. E temos muita coisa para criticar.

O medo maior é que o pessoal se organize. Talvez alguns pensem que estas reuniões do Evangelho têm outra finalidade, dis-farçada por baixo do Evangelho. Chegam a organizar novenas para impedir a reunião. E tem até gente que é trabalhador, que é pobre mas são contra. Alguns companheiros acham os nossos grupos muito perigosos. Os políticos então mais do que todos: têm medo que a gente entenda a política deles. Eles gostam de tramas.

O medo maior é que o pessoal se organize. Talvez alguns pensem que estas reuniões do Evangelho têm outra finalidade, dis-farçada por baixo do Evangelho.

O pessoal tem medo quando é um grupo. Se for uma pessoa só, não faz medo. Porque é um trabalho que abre os olhos, e uma pessoa só, mesmo abrindo os olhos, nada resolve.

Uns pobres são contra por medo de mudar a religião. São apegados àquelas tradições antigas. Outros ficam com medo de perder o ganha-pão, como os escravos que têm medo da liberdade pois não sabem para onde ir. Agora os ricos é que têm medo de perder o capital, porque o Deus deles é o dinheiro, não o Deus do Evangelho.

Também acontece o seguinte: o grupo é uma coisa nova, os convidados são escolhidos, os que ficam de fora comentam. É lógico. Começam a perguntar: já tem muitas Igrejas. Será mais uma? Será que viraram pentecostes?

Falando de medo, é o que mais tem nos ricos. O rico tem medo de tudo: de Reforma Agrária, de divisão dos bens, de igualdade. Tem muita palavra que sai no Evangelho e na reunião que mete medo neles. Eles não sabem o que é o Evangelho e não querem saber. Desconfiam que o Evangelho não aprova o seu egoísmo. Eles são patrões e não querem saber de outro patrão. Para eles, se existe um direito é o direito deles sobre suas propriedades, sobre tudo o que possuem. O sujeito sabe trabalhar com a cabeça, sabe administrar, tem esperteza, sabe passar a perna nos outros e ganhar dinheiro. O trabalhador é um bobo. Que se vire: isto é problema dele!

Alguns até entendem um pouco de Evangelho. Acham bonito mas não aceitam que possa valer para a vida comum. O Evangelho altera a sociedade toda, as leis, o comércio, a política, ia mexer até nos hospitais e nas escolas. Se for seguir o Evangelho, tem que mudar as coisas até debaixo do alicerce.

Os espertos sempre subiram às custas dos humildes. Subiram contra o Evangelho. E os pobres sempre colaboraram porque só conheciam o Evangelho ditado pelos ricos. Agora a gente quer dar o Evangelho na mão dos pobres e os tubarões se revoltam contra isto porque não aceitam que a gente confira o Evangelho de Cristo com a realidade.

Este papo de hoje está bom mesmo. Clareou bem o nosso trabalho. A gente está vendo o emprego bom que é o Evangelho. A classe rica só tem um negócio que serve: subir, sempre subir. Não querem caminhar com a gente, não gostam de chegar no grupo e colocar tudo em pratos limpos. Preferem ficar por fora, desfazendo de nós, gozando e até ameaçando. Não aceitam os

Mas a gente tem de continuar o trabalho com firmeza. Quem enxergou, tem de ir adiante, como um empregado honesto.

grupos por causa da sujeira da sociedade deles. Precisam de empregados, não de irmãos. Quando podem adquirir máquinas, nem de empregados precisam: os lavradores que se virem. Nós ajudamos eles a construírem o seu mundo e agora queremos ser sócios. Aí, para eles, não dá. Não vão aceitar mesmo. Mas o nosso trabalho continua. Tem companheiros que duvidam. Tem até padres. Eles sabem que o Evangelho contém a verdade e, por pouco que ela se solte, o pessoal fica alerta. A Igreja parece ter vergonha de deixar a multidão tradicional para seguir uns poucos que querem ser cristãos de verdade. Ou então desespera e acha que nunca vamos conseguir nada. Mas a gente tem de continuar o trabalho com firmeza. Quem enxergou, tem de ir adiante, como um empregado honesto.

Jesus terminou dizendo: *Quando o Filho do Homem vier como rei, cercado de anjos, vai sentar-se no seu trono real. E todos os povos da Terra vão se reunir diante dele. Depois ele vai separar uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. Vai colocar as ovelhas do lado direito e os cabritos do lado esquerdo. Então o rei dirá aos que estiverem do seu lado direito: "Vocês são abençoados por meu Pai. Venham e recebam o Reino que foi preparado por meu Pai desde a criação do mundo. Pois eu estava com fome e vocês me deram comida. Eu estava com sede e vocês me deram água. Eu era forasteiro e vocês me agasalharam em suas casas. Eu estava sem roupa e vocês me vestiram. Eu estava doente e vocês me trataram. Eu estava na cadeia e vocês me visitaram. – Ai os bons vão perguntar: Quando foi que vimos o Senhor com fome e lhe demos comida, com sede e lhe demos água? Quando foi que topamos com o Senhor forasteiro e o hospedamos, ou encontramos nu e o vestimos? Quando foi que encontramos o Senhor doente ou na prisão e o visitamos? – Então o Rei responderá: Dou minha palavra que quando vocês fizeram qualquer destas coisas com o mais humilde de meus irmãos foi o mesmo que fazer comigo. Depois dirá aos que estão do lado esquerdo: Vocês que estão amaldiçoados por Deus, longe daqui! Vão para o fogo eterno preparado para o demônio e seus sequazes. Pois eu estava com fome e vocês não me deram comida; com sede e vocês não me deram água. Eu era forasteiro e vocês*

– Então o Rei responderá: Dou minha palavra que quando vocês fizeram qualquer destas coisas com o mais humilde de meus irmãos foi o mesmo que fazer comigo.

não me hospedaram; nu e vocês não me deram roupa. Eu estava doente e na prisão, mas vocês não zelaram de mim. – Aí eles perguntarão: Quando foi que vimos o Senhor com fome, ou com sede, ou forasteiro, ou nu, ou doente, ou preso e não o ajudamos? – O Rei responderá: Dou minha palavra que todas as vezes que vocês deixaram de ajudar a uma destas pessoas mais humildes, foi a mim que vocês deixaram de ajudar. – E Jesus concluiu: Portanto, estes últimos irão para o castigo eterno, enquanto os bons irão para a vida eterna.

(Mateus, 25, 31-46.)

Qual será o ponto mais importante desta leitura? Aqui Jesus fala do julgamento. Ele mostra que o mais importante para um cristão é acudir os outros.

Acho importante o seguinte: esta palavra fala de nós e da nossa vida. Logo as pessoas vão pensar que este julgamento será depois da morte ou no fim do mundo. Mas aqui não está dizendo isto. Está dizendo que o julgamento vai ser feito quando ele voltar. Mas ele não está sempre no meio de nós?

Estou com você. O julgamento pode ser hoje mesmo. Pode ser todo dia. Está bem claro que o importante é o compromisso com os irmãos. Será que nós, cristãos, temos este compromisso? Precisamos pensar mais neste ponto. Todos nós esperamos a salvação, mas a salvação depende de hoje, da ajuda ao próximo. A palavra de Jesus não podia ser mais positiva; o que a gente faz com os outros está fazendo com ele em pessoa.

Vamos então estudar essa questão. É preciso ver bem direito, porque a Igreja da tradição sempre fala também de caridade e de salvação, mas a gente olha e não vê este Evangelho na vida de hoje. Na Igreja da tradição tem um compromisso para dar de comer a quem está com fome? Que acham?

O pessoal fala muito em caridade. Mas, vai ver, essa caridade é a esmola, o Natal dos pobres, o arroz do Banco da Providência. Quando a pessoa dá esmola é para que o pobre suma da frente quanto antes. Não tem amor. Não interessa saber por que ele está mendigando.

Se a gente for pensar direito, o rico nunca está dando coisa nenhuma. Só o que ele tirou do trabalhador, na exploração, é mil vezes mais do que a esmola chorada que solta. Se tem gente pedindo esmola, as mais das vezes, é porque tem muitos esfolando

O pessoal fala muito em caridade. Mas, vai ver, essa caridade é a esmola, o Natal dos pobres, o arroz do Banco da Providência.

os outros na exploração e na ganância. Quanto mais dão esmola, mais aumenta o número dos pobres.

Os fazendeiros levam ao vigário o arroz para o Banco da Providência. Mas na hora de acertar a meia, esse arroz é tirado dos empregados. Esta esmola nada vai resolver. O pessoal da tradição não gosta de ouvir falar em justiça. Eles propagam que o pobre é pobre porque é preguiçoso. Mas o pobre passa a vida na labuta e, no fim, tem de pedir esmola, quando as forças não dão mais para trabalhar.

A Igreja da tradição não tem união. Aí não se toca nos problemas da realidade. Todo mundo procura só para si e ainda para si quer a salvação na outra vida. Por este motivo é que cumprem alguma obrigação da religião. Nesta vida, eles falam: Cada um por si e Deus por todos. Ou então: Cada um se vire, ninguém é caixote.

A gente olha dentro dessa Igreja da tradição que fala em caridade, celebra o batismo, a missa e os casamentos, mas não vê o Evangelho. Ele aí está encoberto. Tem mais fingimento do que Evangelho. Os donos da terra tocam o trabalhador de sua propriedade, sabendo que ele vai penar de fome na beira das cidades. Os comerciantes tiram o couro dos fregueses. Os donos de cartório cobram muito acima da taxa.

Nos serviços públicos tem favorecimentos. Quem de nós, fracos, já não ficou amargando nas filas do INPS enquanto os grandes são convidados a passar na frente?

O mais duro mesmo é quando a gente cai doente ou tem doença em casa. Quem não tem recurso não conte com o interesse dos médicos. Se não puder desembolsar na hora, pode se mandar para morrer.

Já fui empregada numa casa, ganhava uma micharia, fui reclamar e a patroa me chutou fora. Mas era pessoa muito devota. Depois fui lavar roupa: a gente trabalha duro, o ganhamo é quase nada, vai a saúde na água e no sabão.

Os empregos são repartidos pela politiquice: alguns com muitos e muitos sem nada. Nas escolas, parece até brincadeira. Fica aquela gangorra: se sobe uma política, os do outro lado vão todos pra baixo.

O tubarão só preza o boi e a máquina. Por esta causa, os trabalhadores são abandonados na beira da estrada, sem meio de trabalhar. A propriedade vale muito mais do que as pessoas. Tem aí fazendas de mil alqueires e mais, sem quase lavoura.

O tubarão só preza o boi e a máquina. Por esta causa, os trabalhadores são abandonados na beira da estrada, sem meio de trabalhar. A propriedade vale muito mais do que as pessoas.

Para construir estádio imenso de futebol, autódromo e sei lá mais o quê, o governo não regateia dinheiro. Mas para atender às necessidades do povo não encontra meios. Mesmo as estradas, o asfalto são para quem? Para quem tem carro. Nós só ganhamos carona quando os políticos estão catando voto.

Entre os donos de terra é uma briga de uns engolindo os outros, os grandes acabando com os pequenos. Os impostos que todos pagam e deviam ser de todos vão servir de incentivos fiscais para os grandes produtores.

A competição é como uma peste que se alastra até entre os oprimidos que vivem desunidos, uns querendo subir na cacunda dos companheiros. Muitos se deixam enrolar na matreirice dos grandes com quem se aliam.

As leis de favorecimento dos fracos costumam ficar só no papel. O nosso sindicato que é o meio para nos defender, na hora que é preciso, entra em negociações e acaba sendo abafado pelos próprios dirigentes. O povo é proibido de se reunir e falar o que sente.

Todo esse povo é batizado, casado na Igreja; quer o padre na fazenda, quer missa nas festas da Pátria e da política; nas tomadas de posse e nas formaturas, comunga e confessa; e faz guerra contra a renovação do Evangelho. Toda essa sociedade se diz cristã. Até falam que o Papa é contra a mudança. Querem a caridade do tipo deles, querem nos dar esmolas, levar prendas no leilão das festas dos santos. Mas mudar de vida e tomar um compromisso eles não querem não.

Todo mundo já viu aquele cartaz de repartir o pão. Mas é impossível. Os que têm o pão não querem repartir. O pão é fruto da terra e os donos da terra não vão repartir com ninguém. O negócio devia ser assim repartir a terra para ter pão para repartir.

A gente que é pobre tem mais costume de ajudar um ao outro. Mas nada temos para repartir. E acontece que quando um consegue uma calça de tergal já nem cumprimenta mais os que vestem calça de algodão tecido no tear.

É. Estamos vivendo bem fora do Evangelho. Mas se descobrimos o Evangelho agora é preciso tomar rumo diferente. E pelear para que o povo conheça e decida. Agora problema é o que não falta.

O problema maior está sendo a falta de terra. Sem terra, não vamos ter jeito de formar uma união firme, porque ficamos sem lugar.

Mesmo as estradas, o asfalto são para quem? Para quem tem carro. Nós só ganhamos carona quando os políticos estão catando voto.

Joaquim, meu marido, foi daqui para baixo, procurando uma terra na meia. Até que achou. Lá, ele diz que tem uma terra muito grande, terra de primeira. No dia em que ele chegou, o dono não estava. Esperou o outro dia. O dono chegou, mas disse que está mais interessado em criar gado. Agora conseguimos um quebra-galho lá no Norte. A gente tem dó porque os pais ficam aqui, tão longe. Mas temos que ir para um lugar onde tenha terra para plantar.

Aqui mesmo, o seu Oscar tem uma fazenda de mais de duzentos alqueires. Vocês pensam que ele cede a alguém para plantar? O que ele fez foi despejar os que lá moravam e queimou os ranchos.

Eu plantei, ano atrasado, depois de destocar, dois alqueires e meio. Tudo no braço. Plantei e colhi pouco porque era a primeira planta, a terra estava ainda muito ácida. Depois da colheita, o patrão falou: Agora está destocada, posso plantar com trator. Você vai desculpar, mas não preciso mais de você.

Sem terra não tem jeito. Deus deu a terra para todos. Mas para mim, só vai sobrar um pedacinho de chão de alguns palmos, quando morrer. E assim mesmo, minha família ainda vai ter que pagar.

A Igreja do Evangelho vai ter que lutar pelos direitos. Para entrar no Evangelho, precisa um compromisso pelo irmão. Precisa que a pessoa tenha consciência do valor de um homem. O Batismo é uma vida nova, um novo jeito de ver as pessoas. É um pecado batizar todo esse povão por aí, deixando a verdade do Evangelho tampada. Antes de batizar precisa evangelizar.

Parece que, no seu julgamento, Jesus não vai perguntar: você foi batizado? Não. Ele vai perguntar o que a gente fez pela justiça, pela igualdade. O povo diz que batiza por fé. Mas se a gente for ver os motivos, batizam é por superstição. E os padres são culpados porque não esclarecem. E continuam batizando.

Nós também agora somos culpados porque a gente já descobriu e tem de ajudar os companheiros a ver. Para quem entende o Evangelho, o Batismo é o sacramento mais de valor. Pelo Batismo, a pessoa entra numa porta que abre a caminhada da justiça, da união e da responsabilidade. Justamente porque é de muito valor, o Batismo não pode ser dado de qualquer jeito.

Na minha idéia, o Batismo tinha que ser dado só a gente adulta e consciente, capaz de compromisso. Sem compromisso, o Batismo fica sem nenhum sentido. Precisa mudar. A dificuldade é

Parece que, no seu julgamento, Jesus não vai perguntar: você foi batizado? Não. Ele vai perguntar o que a gente fez pela justiça, pela igualdade.

que se nós aqui negamos o Batismo exigindo um compromisso e tentando explicar, o povo não entende nem quer saber. Vão batizar em outro lugar e padre que aceite não falta por aí.

O entendimento do Evangelho ainda é muito pouco. A gente precisa lutar para conseguir mais grupos.

A religião tradicional tem muita confusão. O povo precisa mesmo é de uma repartição da terra, mas fica invocado, correndo atrás de uma festa religiosa onde marreteiro é praga. Na roça, todo mundo anda atrás de missa sem saber o que é uma missa. Se a gente pensar bem, é capaz de nem ter as menores condições para celebrar uma missa. Como é que vou celebrar a comunhão se não é um encontro de irmãos verdadeiros? União entre o pessoal de missa é o que menos tem. A gente não acha sentido naquele abraço da missa. Basta ver como é dado.

Pensando bem, precisamos caminhar muito para celebrar uma missa de verdade. Agora o mais que a gente pode celebrar é o começo da caminhada da justiça. Tem muita distância pela frente. Talvez ninguém de nós chegue até lá. Mas já é muito carregar uma esperança.

Pelo menos, não deviam ser admitidas na missa as pessoas que são contra a igualdade. Como podem comungar se não reconhecem o próximo? Se defendem a divisão de classes, se aceitam a opressão? Na missa do domingo é aquela misturada. A maioria vai por puro costume. Voltam com a consciência em paz, mas mudar mesmo não mudam em nada. Agora o padre começou a falar em justiça e muitos fazendeiros largaram de ir à missa. Não é uma contradição? Quando o Evangelho começa a aparecer, eles acham pesado demais. O dinheiro vale mais do que a fé.

E só destampar o Evangelho e logo se vê quem está mesmo do lado de Deus. Muitos dizem que têm fé, mas o que querem é puxar Deus para o lado deles. Usam Deus para defender seus interesses. Mas o Evangelho não quer isto. Ele pede um compromisso. A gente é que tem de ir para o lado de Deus.

Muitos ficam disputando: o Evangelho está do meu lado. Não, é do meu! Mas o problema é saber se estamos do lado do Evangelho.

A gente andou muito nesta reunião, despejou muito assunto. Mas tudo veio da leitura. E parece que podemos ligar o fim com o começo, quando um dizia que o julgamento vai se fazendo dia a dia. Muita coisa da nossa realidade apareceu. O juiz está vendo e está julgando.

Muitos dizem que têm fé, mas o que querem é puxar Deus para o lado deles. Usam Deus para defender seus interesses.

Deus disse a Moisés: Olhei e vi a miséria do meu povo que mora no Egito. Fiquei escutando o clamor que seus capatazes arrancam dele. É claro que conheço os seus sofrimentos. Tomei a resolução de libertá-lo das garras dos Egípcios, fazê-lo sair deste país para uma região fértil e espaçosa, para uma região onde o leite e o mel estão minando, lá onde moram os Cananeus, os Hititas, os Amoritas, os Perizitas, os Hivitas e os Jebuseus. Agora que o clamor dos filhos de Israel chegou aos meus ouvidos e eu vi a opressão que os Egípcios fazem pesar sobre eles, agora vai, porque eu te envio ao Faraó para tirar do Egito o meu povo, os filhos de Israel.

O que Moisés enfrentou nós também podemos enfrentar. Mas precisa coragem.

(Êxodo, 3, 7-13.)

A caminhada da libertação vem desde os tempos mais antigos: Moisés, os Profetas, Jesus Cristo. E ainda resta muito caminho pela frente. Foi bom, para a gente, ouvir falar do esforço de Moisés e todo o povo de Israel para descobrir o valor da união e se libertar da escravidão em que viviam no Egito.

Tem muita coisa interessante aí que a gente não sabia, nem desconfiava. A promessa de uma terra. A educação do povo todo para viver junto e marchar junto. A felicidade do povo, resultado de uma luta. O que Moisés enfrentou nós também podemos enfrentar. Mas precisa coragem.

Essa história está na Bíblia, a Palavra de Deus, e esse acontecimento é que deu o nome à Páscoa. Nós ainda não estamos celebrando a Páscoa como o povo de Israel. Mas podemos celebrar a descoberta do sentido da Páscoa.

O que a gente viu aí é que todos assumiram um compromisso e foram até o fim. Até vencer. Será que nós temos essa mesma perseverança? Para mim, esta Páscoa tem um grande sentido: nossos grupos não estão inventando uma caminhada, mas estão retomando o antigo caminho da libertação que outros já percorreram. Durante o almoço, comendo todos juntos, de pé, naquela alegria geral, eu senti isto: dividimos entre nós a comida e dividimos também a vontade de caminhar. Nós também hoje temos umas pragas e elas nos ajudam a andar mais depressa.

Hoje estamos nascendo de novo porque este drama da Páscoa de Moisés está desconhecido e esquecido. A caminhada que Moisés e o povo fizeram não está, para nós, lá atrás, mas antes lá na frente. A escravidão está, bem hoje, igual à de Israel, para a maioria do povo.

A Igreja está nesta caminhada. Temos muitos irmãos que estão na tradição, parados, mas não vamos desprezá-los. Mas é aqui que a família de Israel vai se encontrar e reunir de novo, aqui entre os que estão despertando e vendo a opressão, ajudados pelo Evangelho. Nós estamos dispostos a dar a vida pela libertação. Da nossa vida jogada neste esforço vai nascer a vida nova. Nós somos um grupinho pequeno mas que sabe para onde ir. Não estamos perdidos.

Eu acho que Moisés conseguiu unir seu povo para a libertação só depois de descobrirem que estavam presos no Egito e não tinham saída. Será desconpreensão minha ou nós também estamos sem saída? A gente não entendia o sentido da Páscoa. Por minha parte, sentia só a minha escravidão e tinha só vontade de ser mais do que os outros. Agora descobri que os outros são meus irmãos e que a gente só se liberta junto com os outros. É um povo inteiro que vai tomando consciência.

Como nos tempos de Moisés, também hoje os oprimidos têm medo da liberdade. Uns acham mais fácil combater a verdade do que combater os egípcios que os escravizam.

Moisés não criou coragem de uma hora para outra. Ele custou a tomar consciência e chegou a lutar contra Deus para não ser enviado a trabalhar para a libertação do povo. Acho que nós aqui estamos também com esta moleza. Mas será que, no fim,

Como nos tempos de Moisés, também hoje os oprimidos têm medo da liberdade.

vamos ser firmes como ele foi? Precisamos mesmo é de firmeza e coragem, perder o medo de dizer o que acontece, o que é verdade. Ter confiança em Deus e um grande amor pelo pessoal que sofre.

Só haverá uma verdadeira Páscoa, quando houver igualdade de direitos entre todos. Por enquanto, o trabalhador que mora nas cidades não tem garantias e o trabalhador da roça não tem terra para trabalhar. Não podemos ter muita alegria. Nesta Páscoa nós temos de pensar na nossa situação e em todos que estão passando aperto. Para muitos companheiros, esta safra aqui vai ser a última. Depois vão ter que mudar para outra terra, ir para o Norte em busca de trabalho. Não vão para a terra prometida mas para a insegurança e o prejuízo.

Para mim, Páscoa era só nome de festa. Com este estudo da Páscoa de Moisés, a gente viu que a Páscoa é um grande acontecimento. Nosso povo anda distraído como o povo de Israel. Não tem tempo para pensar, para se reunir e procurar uma saída. Tem futebol, novela, propaganda, festas e romarias, e o serviço toma a maior parte do tempo. Poucos percebem que o serviço e a necessidade de ganhar o pão ajudam a ficar cada vez mais parados e oprimidos.

Não podemos celebrar a Páscoa só nós aqui. Somos apenas umas cem pessoas celebrando. Nesta celebração, eu estou com o pensamento em todas as famílias que não estão aqui, em toda essa gente igual a nós.

Nesta Páscoa nós temos de pensar na nossa situação e em todos que estão passando aperto.

Preces:

Por todos os oprimidos, privados de luz, que se acham na angústia, rezemos ao Senhor.

Por todo aquele que vê a união do povo e a verdade da caminhada mas não acredita e não se compromete, rezemos ao Senhor.

Vós, ó Senhor, renovastes a aliança com a nossa geração assim como com a geração de Moisés e dos outros profetas. Obrigado, Senhor.

Por todos os acusados por causa do Evangelho, rezemos ao Senhor.

Por toda a Igreja que caminha nesta renovação, rezemos ao Senhor.

Por todos os que têm vontade mas não seguem por causa de mal-entendido sobre o nosso trabalho de Evangelho, rezemos ao Senhor.

Ó Senhor, ajudai-nos a acabar com o egoísmo que ainda está dentro de nós para que a nossa vida seja um sinal do Evangelho.

Ó Senhor, renovai a nossa vida, ajudai-nos a nascer de novo. Para que cresçamos sempre unidos em comunidade e os outros junto conosco, rezemos ao Senhor.

Pelas famílias que não puderam participar desta celebração desta Páscoa dos grupos de Evangelho, rezemos ao Senhor.

Para que Deus clareie nossa idéia que é fraca e cada dia fiçamos mais decididos, rezemos ao Senhor.

Pelas crianças, pelos velhos, pelos enfermos, rezemos ao Senhor.

Pelos que não estão nesta nossa união só por simplicidade e desconhecimento, rezemos ao Senhor.

Pelos nossos filhos que são arrastados pela sociedade atrás do dinheiro e das ilusões, rezemos ao Senhor.

Para que não nos falte coragem e esperança nesta caminhada, rezemos ao Senhor.

Para que todos os homens se possam unir, usando a terra que Deus lhes deu e repartindo o pão, rezemos ao Senhor.

*Ó Senhor, renova
vai a nossa vida,
ajudai-nos a re-
nascer de novo.*